

A free download from manybooks.net

The Project Gutenberg EBook of Ruy o escudeiro: Conto, by  
Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

Title: Ruy o escudeiro: Conto

Author: Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

Release Date: June 9, 2007 [EBook #21786]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

• START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK RUY O ESCUDEIRO: CONTO \*\*\*

Produced by Pedro Saborano. Para comentários à transcrição visite <http://pt-scriba.blogspot.com/> (This book was produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

## **RUY O ESCUDEIRO.**

Conto.

**POR**

**L. DA S. MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.**

Remedios contra o somno buscar querem,  
Historias contão, casos mil referem.  
Camões, Lusiadas, Canto 6.º, Est. 39.<sup>a</sup>

**LISBOA:**

1844.

\_Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Largo do Pelourinho, N.º 24.\_

\_O manuscrito original do presente Poema foi dadiua generosa de seu illustre Auctor, feita á Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, que desejando corresponder a tão obsequioso offercimento empenhou os recursos artisticos, de que podia dispor, para que a edição fosse primorosa, e provasse o adiantamento da gravura em madeira e da typographia em Portugal nestes ultimos annos.\_

\_Os Editores.\_

**RUY O ESCUDEIRO.**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CANTO PRIMEIRO.**

Desbaratado, e roto o mouro hispano,  
Tres dias o grão Rei no campo fica.  
Camões, Lusiadas, C. 3.º, E. 53.<sup>a</sup>

A Cruz azul, que em campo prateado  
No escudo de Henrique reluzia,  
Em cinco o Filho já tinha cortado  
Por memoria dos Reis, que roto havia:  
De Castro-verde o campo dilatado  
O novo Rei com o arraial cobria,  
Livres os seus, e os mouros fugitivos,  
Partião os despojos, e os captivos.

Do arraial no meio se elevava  
Do grande Affonso a lenda triunfante,  
Em torno á qual o vento balançava  
As dos Cabos do Exercito prestante,  
De Pero Pais, que seu pendão guiava,  
Dos Venégas do Aio prole ovante,  
De um Sousa, de um Vallente, e de outros fortes  
Nos perigos, e na gloria ao Rei consortes.

Em seguida á do Rei se distinguia  
Tenda semi-real, que alli plantára  
Heroe, cujo valor não desmentia  
O sangue da Borgonha, que o formára;  
Pedro Affonso, a quem déra a luz do dia  
Amor, que o hymineo não consagrára,  
Digna estirpe de Henrique, e em obras suas  
Galardão do cuidado ao aio Fuas.

No circumstante campo, vasto, aberto,  
Que inda ha dois sóes medroso, e trepidante  
Víra a furia cruel, conflictu incerto  
Do Sarraceno em lanças abundante  
Contra o Christão, que anima o Chefe experto,  
E no Deus de seus pais a fé constante,  
Trombetas, e ataballes uns tangiam,  
Outros em novo canto assim diziam.

**HYMNO.**

Vai fugindo o Sarraceno  
Mais prompto do que avançou,  
Que todo o poder terreno  
Por Christo desbaratou  
O braço aos perros fatal  
De Affonso de Portugal.

Cada um dos Cavalleiros,  
Que por Christo ao campo vem,  
Cem dos infieis guerreiros  
Na peleja ante si tem;

Mas tudo cede ao real  
Affonso de Portugal.

Cinco Reis de infieis mouros  
Contra os de Christo vieram,  
D'elles teve Affonso os louros,  
As costas a Affonso deram,  
Deu Deus esforço immortal  
A Affonso de Portugal.

Sobre o campo da victoria,  
Onde Christo lhe appar'ceu,  
E pr'a o escudo em memoria  
As proprias Chagas lhe deu,  
Ao throno alcemos real  
Affonso de Portugal.

Este Heroe, que Deus ajuda  
Tome a nossa vassallagem:  
Sempre ao povo seu acuda  
Ou Elle, ou sua linhagem:  
Seja pr'a sempre real  
A coroa de Portugal.

Sempre entro nós haja Rei  
Natural de nossa terra,  
Que na paz conduza a grei,  
E que a defenda na guerra,  
Qual o primeiro real  
Affonso de Portugal.

**Em quanto uns assim cantam dos soldados,  
Vão outros pelo campo divagando:  
Estes colhem despojo inda espalhado,  
Aquelles secco matto vão cortando;  
Ascende ao ár o fumo, que enrolado  
Das acezas fogueiras vem manando,  
Onde est'outros preparam o alimento  
Dos membros lassos pródigo sustento.**

Já o Sol menos ardente  
Para o ponente descia,  
Temperando a calma do dia  
A fresca brisa nascente,  
No occaso reluzente,  
De ouro e de purpura ornado,  
Guarnece o ceo azulado  
A orla de nevoa espessa,  
Novo dia que arremessa  
Pintando um dia acabado.  
Tinha chegado  
A hora amena,  
Nos nossos climas  
Tão suave, tão doce, e tão serena,  
Hora, que em tempos  
De paz dourada,  
Dos lavradores  
É tão presada;  
Quando termina  
Do dia a lida,  
Quando o descanso  
Restaura a vida.

Sopra da tarde  
 Grata frescura  
 Reanimando  
 Murcha verdura.  
 Vem o novilho,  
 Já libertado  
 Do duro jugo,  
 Pascer no prado.  
 Sobem dos campos  
 Os segadores.  
 Ledos cantando  
 Ternos amores.  
 Gentil mancebo,  
 Que amor encanta,  
 Ao som das córdas  
 As penas canta,  
 Em quanto em giros  
 Linda pastora  
 Co'a dança leve  
 Mais o namora,

Hora sem par, em que o cadente dia  
 Traz repouso, ternura, e alegria!

Pedro Affonso no emtanto, em cujo peito  
 A pár da intrepidez móra a piedade,  
 Guerreiro sem igual, Christão perfeito,  
 Vai demandando a erma soledade  
 Do provento Ermitão, asilo estreito  
 Onde fugindo as pompas, e a vaidade,  
 A Deus e á penitencia consagrára  
 O venerando velho a vida cára.

N'uma colina, apenas exalçada  
 Sobre a vasta planicie calorosa,  
 Uma exigua Capella era elevada  
 N'aquella idade barbara, e piedosa:  
 Do velho Ermita a cellula acanhada  
 Jazia ao lado, uma sobreira annosa,  
 Co'a larga rama o tecto protegia,  
 E do profano olhar a defendia.

Ante a porta do sacro monumento  
 Com toscos páus estava retratado  
 O sacrosanto lenho do tormento,  
 Em que o Filho de Deus fôra pregado:  
 Dentro sculptado via-se o momento  
 Em que o Corpo sem vida, reclinado  
 Da Mãi nos braços, vai, qual creatura.  
 O Creador baixar á sepultura.

Alli da noute na primeira vela  
 P'ra o Rei, do sacro livro possuido,  
 A campana soou, que o tempo assella  
 Do celeste Emissario promettido,  
 P'ra que em luz, que a do Sol mais clara e bella

Fosse Christo por elle percebido,  
 Promettendo-lhe a coroa, e a victoria  
 Da sua estirpe, e do seu povo a gloria.

Naquelle instante o velho venerando,  
 De giolhos aos pés da Cruz alçada,  
 Estava o fim do dia consagrando,  
 Como do dia consagrára a entrada.  
 Raros alvos cabellos fluctuando  
 Se viam sobre a frente despojada;  
 E a barba, que lhe o vento sacudia  
 Em ondas, sobre o peito lhe descia.

Na piedosa oração todo engolfado  
 Estava o santo velho por tal sorte,  
 Que nem sequer sentiu chegar-lhe ao lado,  
 Do Escudeiro seguido, o Varão forte.  
 Pedro Affonso parou, seu peito, armado  
 De audacia contra os perigos, contra a morte,  
 Toca a vista do Ermita por tal geito,  
 Que não sabe se é medo, se respeito.

Mas o moço Escudeiro, que o seguia  
 Bem diversa impressão experimentava,  
 Do Ermita a quietação, quasi a apathia  
 Da sua alma c'o estado contrastava;  
 Em seu peito um volcão latente ardia,  
 Dos desejos no pelago nadava,  
 Estava n'essa idade, em que o repouso  
 É não só mal; mas mal o mais penoso.

Ruy era o seu nome. Á luz viera  
 Sob o tecto paterno junto ao Douro;  
 Seu Pai, no nome igual, a vida dera  
 Com Henrique pugnando contra o mouro.  
 Jámais paterno affago conhecera,  
 Que a triste viuvez, envolta em chôro  
 Ruy, unico bem que lhe restára,  
 No berço filho posthumo embalára.

Unica flôr, que lhe esmaltasse a vida,  
 A mãe no tenro filho cultivava,  
 Nelle a imagem do pai, reproduzida,  
 Embellezada ainda, idolatrava.  
 No Joven desde a infancia alma atrevida  
 Namorada da gloria se mostrava,  
 Com coração ardente, e generoso,  
 E a um tempo amante, meigo, e carinhoso.

Indole a tudo prompta, a tudo ousada  
 No porte do mancho transluzia:  
 Na estatura esbelta, e levantada

Co'a ligeireza a robustez se unia:  
 Sobre a frente morena, e dilatada  
 A negra liza comma lhe descia,  
 Nos olhos vivos, e de côr escura  
 Temperava o fogo bellico a ternura.

Não era lindo, não, que expressão tanta  
 Destroe a symetria da lindeza;  
 Porem mais do que o lindo arrastra, encanta,  
 Interessa, move, e a attenção tem presa.  
 Sem ter severo olhar, que o riso espanta,  
 Séria a sua expressão, toca em tristeza,  
 Trasborda n'ella uma alma forte e ardente,  
 Que tudo póde ser, salvo indiff'rente.

Tal era formado  
 No vulto, e nas cores,  
 Que era a Marte asado,  
 Era asado a amores.  
 Qual brilha entre as flores  
 O cravo fragrante,  
 Tal elle prestante  
 Entre os mais brilhára,  
 Ou tal se elevára  
 Entre os companheiros,  
 Como nos outeiros  
 O olmo alteroso

Sobre o bosque ergue o cume alto, e frondoso.

No patrio tecto, desde o berço vira  
 Do nobre pai o escudo pendurado,  
 A cota, que inimigo ferro abrira,  
 Inda tinta do sangue não vingado.  
 Mil vezes entre pranto á mãe ouvira  
 Contar paterna gloria e triste fado,  
 Mil co'a infantina mão tocado havia  
 A herdada lança, que ha brandir um dia.

Entre memorias taes do patrio dano  
 Do filho de Ruy crescera a idade;  
 Volvido haviam já anno apoz anno  
 Conduzindo o vigor da mocidade,  
 Quando a mãe, que respeita como arcano  
 Do extincto Esposo a ultima vontade,  
 No dia em que seu lucto revivia  
 Ao filho bem amado assim dizia.

«Martyr da fé Christãa teu Pai na guerra  
 «Pela Cruz deu a vida peleijando;  
 «Fatal golpe o prostrou na propria terra,  
 «Que para Christo andava conquistando.  
 «Ah! se lá donde o summo bem se encerra  
 «Elle, oh filho, nos vê, ver-me-ha chorando,  
 «Dar-te o preceito, que houve do Consorte

«Quando a alma entregou nas mãos da morte.

«Alli fica, me disse, aquella lança,  
 «Que só de infiel sangue foi manchada,  
 «Alli deixo esse escudo por herança,  
 «Esse elmo, essa cota, e essa espada:  
 «Se o summo Deus tiver de nós lembrança,  
 «E que um filho haja em ti, oh bem amada,  
 «Meu nome lhe darás, e essa armadura  
 «Sob a qual encontrei a morte dura.

«Dar-lhe-has esta Cruz. Isto dizendo  
 «Do peito a separou por vez primeira,  
 «E o braço, já sem força, a custo erguendo,  
 «Aos labios a levou por derradeira.  
 «Dir-lhe-has, que se a paz acho morrendo  
 «A esta insignia a devo verdadeira,  
 «Devo-a de Christo á fé, que a vida guia,  
 «Que ensina a fallecer sem agonia.

«Dize-lhe que a conserve ao peito unida,  
 «Que ao lado seu cinja a paterna espada,  
 «Aquella p'ra o guiar á eterna vida,  
 «Esta p'ra ser a seu Senhor votada;  
 «Que indomito na pugna asp'ra e renhida,  
 «A fraqueza respeite desarmada;  
 «Que preze a honra; fuja da cobiça,  
 «E da moleza vil, que o vicio atija.

«Assim fallou teu Pai... e a penetrante  
 «Ferida em rouxo sangue se esvaia.  
 «Sumiu-se a voz no peito palpitante,  
 «Aos olhos se apagou a luz do dia:  
 «Soou da minha dita ultimo instante,  
 «Já d'esta alma a ametade não vivia;  
 «Mas dentro de meu seio palpitava  
 «Penhor, que a ficar viva me obrigava.

«Vivi, a força achei, que me vigora  
 «No maternal amor, oh filho amado,  
 «Cáro penhor de um laço, doce outr'ora;  
 «Mas roto, quando apenas estreitado!  
 «A ti mancebo, a ti pertence agora  
 «Restituir-me aquelle que hei chorado,  
 «Se, como espero, em ti vir renascida  
 «A virtude d'essa alma ao ceo subida.

«Da tua infancia os dias acabaram,  
 «Já teus membros tem força e tem destreza,  
 «Aquelles, que o esposo me roubaram,  
 «Saibam que não fiquei só, sem defeza.  
 «Sangue vil minhas veias não herdaram,

«Nem coração sugeito a tal fraqueza,  
 «Que ao filho de Ruy estorve a gloria  
 «De ter por Deus, e pelos seus victoria.»

De Ruy a viuva, assim fallando,  
 Do muro antigo as armas desprendia,  
 E os humidos olhos enchugando,  
 O filho de Ruy d'ellas cobria.  
 O mancebo, de nobre ardor córando.  
 Com respeito a armadura recebia,  
 Que já na dura guerra exp'rimentada,  
 Fôra do pai com o sangue consagrada.

Um captivo entretanto aparelhava  
 O bruto ardente, que se apraz na guerra,  
 Que impaciente o freio mastigava,  
 Co'a vigorosa mão cavando a terra;  
 Já armado sobre elle cavalgava  
 Quem do ninho paterno se desterra,  
 A procurar do mundo as aventuras,  
 Gratas a poucos, para tantos duras.

Da triste mãe os olhos macerados  
 Por largo espaço a marcha lhe seguiram;  
 Ao perde-lo porem entre os silvados  
 De uma nevoa de pranto se cobriram.  
 Seus animos, do filho sustentados,  
 Ao arrancar-se d'elle sucumbiram.  
 Sentiu a triste, a dôr, magoa, anciedade,  
 Que só conhece a maternal saudade.

Segue no emtanto o moço a varia estrada  
 Que o Mondego do Douro distancia,  
 Na terra, dos Beroens Beira chamada,  
 Onde o Vouga entre as serras serpenteia,  
 Do Bussaco transpõe serra elevada,  
 E bem depressa a vista lhe recreia  
 Valle ameno, co'as flores e a verdura  
 Que nutre do Mondego a limfa pura.

De risonha colina no vertente,  
 Que o rio carinhoso em baixo lava,  
 A cidade Conimbrica é jacente,  
 Que então de espesso muro se cercava;  
 N'ella ajuntando estava armada gente  
 Affonso, que atacar aparelhava  
 O agareno Ismar chefe animoso  
 Do transtagano mouro bellicoso.

Era Affonso acompanhado  
 D'esse Irmão, de Henrique filho  
 Cavalleiro de alto brilho,  
 Por Dom Fuas educado.

Fuas era aparentado  
 De Ruy com os ascendentes,  
 E o sangue de seus parentes  
 No Joven reconhecendo,  
 Seus destinos protegendo,  
 Por escudeiro o ligou  
 A Pedro, que o aceitou,  
 E entregando-lhe a lança,  
 Poz n'elle tal confiança,  
 Que como a filho o tratou.

Lá na peleija de Ourique  
 No mais forte das batalhas  
 Rachou elmos, rompeu malhas  
 Ruy, com o filho de Henrique.  
 Ao som da tuba guerreira  
 Seu coração se accendeu;  
 Qual touro, aberta a barreira,  
 Com o mouro accommetteu.

Aos golpes da herdada lança  
 Muitos mouros expiraram,  
 Muitos da espada a provança  
 Cáro co'a vida pagaram;  
 E no sangue de inimigos,  
 Que pela Fé derramou,  
 Entre azares, e perigos,  
 Do pai a morte vingou.

Do defunto Ruy tal era o filho,  
 Que Pedro Affonso ao ermo acompanhava.  
 Já do cadente Sol o ultimo brilho  
 Nas bordas do horisonte se apagava,  
 De altas idéas no inspirado trilho  
 O propecto Ermitão continuava:  
 Quando subito o rosto alevantando  
 Volveu aos dois o aspecto venerando.

### **ERMITÃO.**

«Salve prole de Henrique, heroe preclaro,  
 «Salve sangue de Reis, a quem a gloria  
 «Predestinada está no assento claro  
 «De ter, mais que de imigos, a victoria:  
 «Sim, tu triunfarás do abysmo avaro,  
 «Do mundo calcarás pompa, e vangloria,  
 «Todo o fulgôr da humana heroicidade  
 «Sepultando no asilo da piedade.

«Onde dos teus a estirpe triunfante  
 «Teve origem irás, nobre e animoso,  
 «Do teu sangue encontrar varão prestante,  
 «Que em ti fecundará germen piedoso;  
 «Deporás a couraça rutilante,  
 «O elmo, o escudo, o ferro temeroso,  
 «Para aspirar á gloria, que não passa,  
 «No retiro e silencio de Alcobaça.

«Tu porem, oh mancebo, de que abrolhos  
 «Cheio é para ti campo da vida,  
 «Em que mar procelloso, entre que escolhos  
 «Teus de seguir a róta combatida,  
 «Que lagrimas amargas de teus olhos  
 «Devem correr, no peito que feridas  
 «Pungentes sofrerás, sem ter conforto  
 «Antes que possas recolher-te ao porto!

«Melhor fôra p'ra ti, se a natureza  
 «De partes menos bellas te dotára,  
 «Se insensivel ás graças e á belleza  
 «Ao pondenor, á gloria te formára,  
 «Se menos coração, menos viveza  
 «Avara p'ra contigo te outhorgára;  
 «Que esse, em quem mais esmero põe natura,  
 «Raras vezes mimoso é da ventura.

«Os contrarios do Rei que alevantaste  
 «Os menores serão de teus imigos,  
 «Outro mais p'ra temer, outro encontraste  
 «Muito maior no damno, e nos perigos,  
 «Da dôr por esse o calix esgotaste;  
 «Mas, cumpridos teus fados inimigos,  
 «Olhará Deus p'ra ti, e á fonte pura  
 «Te guiará da solida ventura.»

Assim disse o Ermita, e reclinando  
 A cabeça no peito, alguns momentos  
 Recolhido ficou; alfim voltando  
 P'ra os dois, que quedos s'tão mudos e atentos  
 Acrescentou com tom solemne, e brando.  
 «Que somos nós mortaes, mais que instrumentos  
 «Dos designios de Deus, da alta sciencia  
 «Da insondavel eterna Providencia?

«Marcha aquelle no trilho da grandeza  
 «De tantos precipicios circumdado;  
 «Estoutro das paixões entre a braveza  
 «É no duro combate acrisolado;  
 «Nada um na abundancia e na riqueza;  
 «Outro é do escasso pão até privado;  
 «Mas se a boa ou má sorte os não illude,  
 «Lá tem todos a coroa da virtude.»

Estes, e outros discursos repetia  
 O velho, de unção cheios extremada,  
 Que Pedro Affonso n'alma recebia,  
 Qual a semente a terra preparada:  
 O mancebo porem a alma sentia  
 Com violencia tal preocupada,  
 Que, orando a pár dos dois no monumento,

Tinha longe da boca o pensamento.

Mas já da noute o estrellado manto  
 Toda a vasta planicie acobertava,  
 Quando Pedro deixando o logar santo  
 Para o regio arraial se encaminhava;  
 Segue em silencio o Joven, em quem tanto  
 Desassocego do Ermitão gerava  
 O vaticinio, que de balde intenta  
 Dissimular a agitação violenta.

Alertas vélas passaram,  
 Que do campo a guarda tem,  
 No arraial penetraram,  
 Descobrimdo áquem e além  
 Os fógos abandonados  
 Pelos dormentes soldados.

Baixou sobre Pedro o amigo  
 Lethargo restaurador;  
 Mas vigilia traz comsigo  
 O cuidado roedor  
 Que no Joven escudeiro  
 Deixou o Ermita agoureiro.

Em vão suffocar tentava  
 Curiosidade indiscreta,  
 Que, mal os olhos cerrava,  
 Logo na mente inquieta  
 Se renovava a impressão  
 Das palavras do Ermitão.

Assim oppresso, agitado,  
 Da noute as horas seguiu,  
 Até que o corpo cançado  
 Ao somno alfim succumbiu,  
 E o repouso ao pensamento  
 Deu vigor, e deu alento.

Ao romper do dia  
 A trompa soava,  
 Cada qual surgia.  
 Cada qual se armava.  
 Aquí os infantes  
 Cerram as fileiras  
 Junto ás ondeantes  
 Variadas bandeiras;  
 Alli vem rinchando  
 Cavallos de guerra  
 O pó levantando  
 Da arida terra.  
 A rosada aurora  
 No aço esplandece.  
 Que co'a luz, que o córa,  
 Em chammes parece.  
 De todos na frente  
 O Rei cavalgava,  
 E da heroica gente  
 Os brios dobrava:  
 As Quinas sagradas  
 A cota lhe ornavam,  
 No pendão lavrados

Ao ar tremolavam.  
 Entanto abatidos  
 A marcha seguiam  
 Os mouros rendidos,  
 Que algemas prendiam.  
 Assim vencedores  
 Os christãos marchavam,  
 E aos frescos verdores  
 Das margens do Mondego se tornavam,  
 Nas campinas de Ourique

Alçado rei, o heroe filho de Henrique.

## FIM DO PRIMEIRO CANTO.

## CANTO SEGUNDO.

A tomar vai Leiria, que tomada  
 Fôra mui pouco havia do vencido.  
 Camões, Lusiadas, C. 3.º, E. 55.<sup>a</sup>

Para unir n'um só leito amantes aguas  
 Vem o Liz, sobre os seixos murmurando,  
 O Lena vem, nascido de entre as fraguas;  
 Em seu curso modesto, alegre, e brando,  
 Entre a relva mimosa, entre a verdura  
 Cada qual mollemente serpejando.  
 Jámais turvou a limfa clara, e pura  
 O forte remo, a quilha recurvada  
 Com que a industria mortal dóma a natura;  
 Sómente a braça da arvore quebrada,  
 A folha que no outomno cahe sem vida  
 Pelo placido curso foi levada.  
 Nas margens a aveleira entretecida  
 Com o espinheiro está de flôr fragante,  
 A madre silva co'a roseira unida.  
 No espelho das aguas inconstante  
 Reflectida balança alta ramagem  
 De alamo bicolôr, choupo elegante;  
 Dos vimes, e salgueiros a folhagem,  
 Molles chorões, as braças incurvando,  
 Vedam do sol aos raios a passagem.  
 Alli, na primavera, sussurrando,  
 Recolhe a abelha o mel por entre as flôres,  
 E a borboleta as beija volitando,  
 Quando o cantor sublime dos verdores  
 Da aurora ao despontar, e á tarde canta  
 Em frente ao brando ninho os seus amores.  
 A róda leve as aguas alevanta,  
 Que em canaes variados circulando,  
 Levam frescura á sequiosa planta;  
 Em quanto, dos invernos triumphando,  
 Altos pinheiros sempre verdes frontes  
 Reunidos se vêem aos ceos alçando

Na encosta, e cumes dos visinhos montes.

No meio d'este valle a natureza  
 Um penhasco erigiu, morro isolado,  
 Que das aridas rochas a braveza  
 Abruptas volve aos raios do sol nado;  
 Com aridez igual, igual asp'reza  
 Do occaso, e do sul encara o lado;  
 Orna-o do norte apenas a verdura  
 Em mais suave encosta, e menos dura.

Do forte morro ás abas se abrigaram  
 Da destruida Liria os habitantes,  
 Quando da natal terra os expulsaram  
 Dos romanos as armas triumfantes;  
 Para alli seus penates transportaram,  
 E da perdida patria sempre amantes,  
 De Liria ao novo asilo o nome deram,  
 Que os tempos em Leiria converteram.

De Vandalos, e Godos povoada  
 Foi depois, gente forte e valerosa,  
 Que com o tempo tambem cedeu á espada  
 Da sarracena raça bellicosa,  
 Na epocha em que a terra celebrada  
 Das Hespanhas sofreu perda affrontosa,  
 E só cantabrios serros abrigaram  
 Os que ao jugo africano se escaparam.

Mas alfim vencedor da maura gente,  
 Affonso, no penhasco edificára  
 Recinto marcial forte, e potente,  
 Que de Agostinho aos filhos confiára,  
 Quando do rôto Ismar a ira fremente  
 No povo e no presidio se vingára,  
 E unido a Hauzeri, mouro esforçado  
 Tinha de Affonso os muros conquistado.

Ai! daquelle, que atrevido  
 Com temeraria ousadia  
 Do Leão adormecido  
 Os furores desafia!  
 O animal irritado,  
 De crua raiva espumando,  
 Corre o campo, arrebatado  
 Morte e ruina espalhando:  
 Com seus urros espantosos  
 A bronca serra estremece,  
 A luz do raio esplandece  
 Nos seus olhos furiosos.  
 Força não ha tão potente  
 Que a carreira lhe embarace,  
 Que a garra não despedace,  
 Que não rasgue iroso o dente:  
 Té que em fim o imigo alcança,  
 E no côrpo ensanguentado

Partido, e dilacerado,  
Séva as iras e a vingança.

Assim de novo a trompa bellicosa

Nos valles retumbava,  
Assim de Affonso a gente valerosa

Já de novo se armava,  
E as bandeiras, que as Quinas adornavam  
Os Alferes de novo ao vento davam.

Nobres, e ricos-homens á porfia

Se apromptam sem demóra  
A castigar dos mouros a ousadia,

E em lide vencedora  
Punir os damnos, com que Ismar irado  
Todo o transito seu tinha marcado.

O escudo abraçou p'ra nobre empreza

Pedr'Affonso incansavel,  
Ao Rei da crua guerra na aspereza

Consorte inseparavel,  
E com elle Ruy para a vingança  
Com ardor empunhou a herdada lança.

Moveu-se a gente bellica segura

Na esperança da victoria,  
Que a quem temer não sabe a lide dura

Nunca desmente a gloria,  
E n'um teso, ao Castello apropinquado  
O campo expugnador foi collocado.

De annoso pinheiro,  
Que em frente se alçava  
Do campo guerreiro,  
Nos ramos pousava  
Um corvo agoureiro

Que abrindo o rostro infausto, e ás azas dando,  
Parecia estar os mouros malfadando.

Os de Agar bramaram  
Quando alevantadas  
Em frente encheraram  
As Quinas sagradas,  
E irosos juraram

Illeso conservar o logar forte  
Seus muros defendendo até á morte.

Alcaide da gente  
Seu brio excitava  
Hauzeri valente,  
Que a lança empunhava;  
Mouro forte e ardente,

Entre os do bravo Ismar um dos primeiros  
Denodados, e intrepidos guerreiros.

Com garbo, e presteza  
Discorre a muralha,  
Dispondo a defeza,  
Prevendo a batalha,  
O alcaide, e a firmeza

A audacia, e o valor no rosto ostenta  
Com que dos seus a galhardia augmenta.

Ao lado de Hauzeri bella apparece,  
Piedosa vista em lance tão p'rigoso!  
Filha linda qual luz quando amanhece  
Ao romper d'alva em dia caloroso,  
O turbante, que a frente lhe guarnece  
Remata alvo penacho precioso  
Em quanto vão os zephiros brincando  
Com os anneis sobre os hombros fluctuando.

De seda as calças tem da côr da neve,  
Sobre ellas desce a tunica bordada,  
Cerulea faixa a cinta circumscreve,  
Qual a hastea do lirio delicada,  
Cobre o virginal seio a tea leve  
Onde a seda co'a lãa fôra tramada,  
De vermelhos coraes um fio brando  
Do collo airoso a base contornando.

Suaves de Fatima os olhos eram,  
Vivos ao mesmo tempo e magestosos,  
Quaes unicos os nossos climas geram,  
Climas caros ao Sol, climas ditosos;  
Olhos, foccos de amor, que n'alma imperam  
Quer languidos, quer meigos, quer irosos;  
Olhos taes, que se pranto derramaram  
As mesmas brutas penhas abrandaram.

Nas pudibundas faces reluzia  
A viva côr da nacarada rosa,  
Que em leve gradação se esvaecia  
Pela macia pelle melindrosa;  
Virgem, filha gentil do meio-dia,  
A côr tinha morena, e tão formosa,

Como a que a luz de um Sol claro e brilhante  
 Communica do prado á flôr fragante.

Da lorangeira em flôr com o deleitoso  
 Aroma o ár da tarde embalsamado  
 Cede em suavidade ao amoroso  
 Hálito de seus labios exhalado.  
 O murmurio do arroio saudoso  
 Entro meudos seixos derivado,  
 O meigo sussurrar do brando vento,  
 Menos magia tem que o seu accento.

Quem viu a vermelha rosa  
 N'um ramalhete de flôres  
 De todas a mais formosa  
 Quer nas formas, quer nas côres:  
 Quem da noute socegada  
 No silencioso véo  
 Viu a lua prateada  
 Entre as estrellas do céo:  
 Quem na belleza prestante  
 Do palacio, ou templo santo  
 Viu a corinthia elegante  
 Que remata o molle achanto:  
 Quem entre a familia leve,  
 Habitante da espessura,  
 Viu a pomba côr da neve,  
 Vivo emblema da candura:  
 Não viu mais que uma imperfeita  
 Imagem das maravilhas,  
 Com que Fatima deleita

Os olhos, do seu povo entre as mais filhas.

Porem, já sequiosos da vingança  
 Os Christãos se aparelham p'ra peleija.  
 Em batalhas o Rei divide as lanças,  
 Marcando a cada uma quem a reja:  
 P'ra o assalto prescreve sem tardança  
 De cada Capitão qual dever seja,  
 A qual compete de ir na frente a gloria,  
 A qual mais tarde ha de colher victoria.

A aquelle, que no nome, qual no peito  
 Tem dos fortes a nobre galhardia,  
 Entrega o grande Affonso satisfeito.  
 Entre as batalhas, a que a frente guia:  
 Na mesma linha põe e de igual geito  
 A que o pendão de Mem Moniz seguia;  
 Bem como a forte gente, cujo ousado  
 Valor tem vido a Sousa confiado.

As reservas intrepidas e ardentes,  
 Onde a lucta attrahir maior perigo,  
 Viegas com Martim, e outros valentes  
 Promptos conduzirão sobre o inimigo;

Porem de Pedro Affonso armipotente  
 Braço e conselho o Rei quer ter comsigo;  
 Nem desdenha reter junto a seu lado  
 O Joven Escudeiro denodado.

As trompas guerreiras  
 O signal entoam,  
 Ao combatte voam  
 As bravas fileiras.  
 Os mouros defendem  
 Debalde a campina,  
 Debalde pretendem,  
 Que os Christãos bradando  
 Co'a lança arremetem,  
 A quanto accommettem  
 Rompendo e prostrando.

Qual da serra alpina  
 Partiu destacada  
 A rocha gelada,  
 Que o valle domina,  
 E em forças crestando  
 Na queda espantosa  
 Co'a massa assombrosa  
 Vai tudo rompendo;  
 Assim as batalhas  
 Aos mouros forçavam,  
 E em fuga os lançavam  
 Ao pé das muralhas.

Na rocha escarpada  
 O mouro confia;  
 O Christão porfia,  
 E a rocha é trepada.  
 Embora, galgando  
 Por entre os rochedos,  
 Inteiros penedos  
 Descendem troando:  
 As penhas, nas penhas  
 Caindo, arrebetam;  
 Heroicas façanhas  
 Façanhas sustentam;  
 Setas sibilantes  
 Cruzam por milhares  
 Das fundas girantes  
 Com os tiros nos ares.

Em quanto os archeiros  
 A morte arremedam,  
 Mais brava os lanceiros  
 Já lueta começam,  
 O escudo, a couraça,  
 A malha cerrada,  
 De morte esfaimada  
 A lança transpassa,  
 E aos golpes da espada  
 O elmo partido  
 No craneo fendido  
 Lhe franqueia a entrada.

A escada tremente  
 Á muralha erguida  
 Já foi erigida

Pela ousada gente;  
 Do escudo coberto,  
 Com o ferro empunhado,  
 Mais de um segue ousado  
 No ár trilho incerto,  
 E sobre as ameias  
 Mais de um temerario,  
 Entrega ao contrario  
 O sangue das veias.

A pugna engrandece,  
 Redobra a fereza,  
 Do ataque e defeza  
 A teima recresce.  
 Já os muros altos  
 Por todos os lados  
 Sentem renovados  
 Continuos assaltos;  
 Hauzeri no emtanto  
 Resiste esforçado,  
 Fero e denodado  
 Desconhece o espanto;  
 Tal, já quasi exangue,  
 Javali ferido  
 Com o dente buido  
 Derrama inda o sangue,  
 E a um tronco acuado,  
 O collo cerdoso  
 Revolve animoso  
 A um, e outro lado.

N'isto o intrepido Affonso, a si chamando  
 As reservas, que cauto tem poupado,  
 O decisivo esforço emfim tentando,  
 Ao assalto as impelle denodado.  
 Mal das gentes desliga o regio mando  
 O valor tanto a custo sopeado  
 Armas, clamor de guerra, e tubas soam,  
 E contra o mouro irrisistiveis voam.

De todos o primeiro ao morro avança  
 O mancebo Ruy leve, e esforçado,  
 Os penhascos transpõe sem mais tardança  
 Que a anta o precipicio congelado;  
 Fere, derriba, e mata a herdada lança,  
 Foge o mauro tropel desordenado,  
 Ruy segue qual raio a rôta gente  
 Pela porta, que aos seus torna patente.

Por ella ruina e morte  
 Penetra, de horror cercada,  
 O valor fallece ao forte,  
 Com a esp'rança abandonada.  
 Cada qual as armas lança,  
 Cada qual arrója a espada.  
 O vencedor na vingança  
 Irritado se enfurece,  
 Céva as iras na matança,  
 A humanidade estremece,  
 Mas a sanha do soldado

A sua voz desconhece:  
 Nada p'ra elle ha sagrado,  
 E na crueza incendiado  
 Se crê pelo ceo armado,  
 Sobre o infeliz vencido  
 Julgará infidelidade  
 Sentir-se compadecido;  
 Nem o sexo nem a idade  
 Salva do ferro cruento,  
 E de horror e crueldade

É o penhasco inteiro um monumento.

O Sol cobriu de horror a clara fronte,  
 Espessas negras nuvens o toldaram;  
 As nevoas sobre a borda do horisonte  
 Da roixa côr do sangue se pintaram;  
 Os córvos carniceiros sobre o monte  
 Com o faro da atroz prêza esvoaçaram,  
 E enlutados os ceos, a noute fria  
 Mais cedo pareceu pôr termo ao dia.

Farto o soldado emfim de crueldade,  
 Extinctos quasi os miseros vencidos,  
 Amainou pouco a pouco a tempestade,  
 Cessaram os clamores, e os gemidos,  
 Já o Chefe recobra a authoridade  
 Sem força entre os primeiros alaridos,  
 E da victoria no seguro goso  
 Abandonam-se as gentes ao repouso.

Mas Ruy, cujo joven peito encerra  
 O preceito da Mãi, do Pai legado,  
 O descanso dos olhos seus desterra,  
 Vagando no Castello desolado.  
 De quente sangue vê fumando a terra,  
 O cadaver encontra abandonado  
 E o misero, que em mais tyranna sorte  
 Sem asar de viver lucha co'a morte.

No peito o coração em horror tanto  
 De Ruy se apertou, a alma sensível  
 Viu, a um tempo com dôr, terror e espanto,  
 P'ra quanto não é fera a scena horrível;  
 Não podendo suster amargo pranto,  
 Quasi maldiz victoria tão terrível,  
 Fugindo ao quadro atroz por mais não ve-lo  
 Se entranha para o centro do Castello.

Da menagem a torre alli se erguia,  
 No mais alto do morro alevantada,  
 Torre rectangular que descobria  
 Em redor a campina variada,  
 Lá na alta noute, inda hoje triste pia

Na muralha com o tempo descarnada  
 O infausto mocho, e no seu seio escuro  
 Se abriga contra a luz morcego impuro.

De vigia servia o cume erguido,  
 Na parte media as armas se guardavam,  
 No mais baixo recinto denegrada  
 Em prisão dura os crimes se expiavam.  
 Por caracol estreito, e retorcido  
 Os planos entre si communicavam.  
 Na masmorra o soldado fatigado  
 Não tinha a aquelle tempo penetrado.

Na torre entra Ruy, e parecia  
 Fatidico o instincto que o guiava;  
 Á medida que o caracol descia  
 Ancioso seu peito se agitava,  
 Na escuridão completa se immergia,  
 Palpando o muro os passos tenteava,  
 Quando na marcha subito impedido  
 Sente um corpo cahir, e ouve um gemido.

Estremece o mancebo co'a surpresa;  
 Mas prompto do repente recobrado,  
 A mão ao corpo estende, e em vez de asp'reza  
 Sente o tacto macio e delicado  
 De anneladas madeichas na leveza,  
 N'um seio feminil brando, agitado;  
 Mais não hesita, o corpo em braços toma,  
 Fóra da torre com o fardo assoma.

Mas o corpo que leva entre seus braços  
 Sem movimento está, e a voz perdida,  
 Pendem-lhe os membros com o mover dos passos  
 Qual a vide de olmeiro desprendida;  
 Se o coração, batendo por espaços,  
 No debil ser não revelára a vida,  
 O mancebo por certo acreditára  
 Que da morte os mysterios profanára.

Mais o fardo apertava contra o peito,  
 Mais do mancebo o peito se agitava.  
 Parecendo-lhe sentir passo suspeito  
 Que apoz elle nas sombras caminhava,  
 A marcha apréssa, e n'um carreiro estreito  
 Entra a mata, que a um lado a serra brava  
 Selvatica produz, e na espessura  
 Mais densa, o fardo põe sobre a verdura.

Qual pasmo sem igual, quando encarando  
 Aquella, que das trevas arrancára,  
 Da lua lhe revéla um raio brando

Do peregrino rosto a forma rara;  
 Quando, no vulto immovel attentando,  
 Descobre do mancebo a vista avára  
 As bellezas, que prodiga a natura  
 De Fatima juntou na formosura.

A pallidez da morte realçava  
 Merencoria a expressão de seu semblante;  
 Os apagados olhos lhe cerrava  
 A palpebra de ciliás abundante;  
 Do seio, que opprimido palpitava,  
 Parecia que um suspiro a cada instante  
 Ia partir, que o moço a vida déra  
 Se nos labios gentis o recolhera.

Extatico de pasmo e de surpresa  
 Jaz Ruy com tal vista captivado,  
 Sem cogitar de tanta gentileza  
 Qual seja o miserando infausto estado.  
 Co'a alma em goso estranho absorta e preza  
 Ficára o moço alli como encantado,  
 Se na Bella afflicção mais dura e forte  
 Não parecesse estender o véo da morte.

Contraíram-se as faces melindrosas.  
 Os membros delicados se obduraram,  
 Os labios virginaes, murchas as rosas,  
 Com um moto convulso trepidaram,  
 De suor frio as gotas abundosas  
 Pallida a frente, e o collo lhe banharam,  
 Alevantou-se o seio seu mimoso,  
 Tomou-se o respirar mais afanoso.

O imprudente Ruy sahe do lethargo  
 Recobra com o terror o pensamento,  
 Do abandono da triste se faz cargo  
 Naquelle transe horrivel de tormento;  
 Dos olhos lhe rebenta pranto amargo,  
 A Bella aperta ao peito tão violento  
 Como quem quer partir com ella a vida,  
 Ou com ella a existencia ver perdida.

Não foi do moço inutil o transporte,  
 Que a Bella entre seus braços estreitada;  
 Ou fosse por que assim o quiz a sorte,  
 Ou milagre de amor: reanimada,  
 De subito escapando ás mãos da morte.  
 Move o collo, ergue a frente debruçada,  
 Cessa a suffocação, livre respira,  
 Abre os formosos olhos, e suspira.

Na mesma situação mais de um instante

Um e outro ficaram sem fallar-se;  
 Elle de puro goso delirante,  
 Ella como quem busca recordar-se:  
 Mas breve de Ruy vendo o semblante,  
 Sentindo entre seus braços estreitar-se,  
 D'elles se arranca, e em pranto debulhada,  
 Fallando assim, lhe cahe aos pés prostrada.

«Oh tu, quem quer que sejas, se a piedade  
 «Entrada pode ter dentro em teu peito,  
 «De uma innocente a misera orfandade,  
 «Desamparo, e miseria tem respeito!  
 «Sei que cahi na tua potestade;  
 «Mas antes de sentir o seu effeito  
 «Morrerei!.....» Disse, e as renascidas rosas  
 Pudibunda escondeu nas mãos formosas.

«Que do Deus que nos ouve um raio ardente  
 «Te vingue, e me aniquille neste instante,  
 «Se um sentimento indigno esta alma sente  
 «De que haja de córar o teu semblante!  
 «Perde o terror, oh Virgem, tens presente  
 «Um amigo, um irmão cuja constante  
 «Ambição será só de obedecer-te  
 «E contra qualquer perigo defender-te!»

Assim fallou Ruy, e alevantando  
 A prostrada Fatima, em mil maneiras  
 Foi seu terror primeiro dissipando,  
 Com gestos, com palavras verdadeiras.  
 N'um penedo que cobre o musgo brando  
 A Virgem se assentou, co'as lisongeiras  
 Expressões de Ruy cobrando alento,  
 Sentiu raiar a esperança em seu tormento.

## **FIM DO SEGUNDO CANTO.**

### **CANTO TERCEIRO.**

Onde está aquella imagem pura, e bella  
 Artificio divino entre nós raro?  
 Onde aquelle olhar brando, que tão caro  
 Me foi, e o resplendor de hua e outra estrella?  
 Ferreira, Soneto, 15.º

### **FATIMA**

Cavalleiro, se é verdade  
 «O que acabas de dizer,  
 «Na minha triste orfandade  
 «Só tu me podes valer.  
 «Não buscarei disfarçar-te  
 «Qual é minha condição,  
 «De tudo vou informar-te,

«Ou sejas sincero, ou não.

«Nas terras da Andaluzia  
 «Mouro altivo me gerou,  
 «Cujo nome e valentia  
 «Longe a fama propagou.  
 «De seu braço o nobre Ismar  
 «Conhecendo a fortaleza,  
 «D'estes muros confiar  
 «Quiz a guarda e a defeza.  
 «Do Téjo a margem deixada,  
 «Onde outra arce regia,  
 «Mandou-me vir malfadada  
 «Para a sua companhia.  
 «Sobre o perigo a que me expunha  
 «Saudade lhe déra antolhos,  
 «Que elle em mim seu prazer punha,  
 «Que eu era a luz dos seus olhos!

«Nascendo perdi a Madre,  
 «Que em seu seio me formou;  
 «Mas achei tudo no Padre  
 «Que amoroso me creou.  
 «Quer na tregoa socegado,  
 «Quer na fadiga guerreira,  
 «Jámais fui d'elle apartada,  
 «Antes sempre a companheira.  
 «Quando, ainda tenra infante,  
 «Nos campos o acompanhava,  
 «Sobre o cavallo possante  
 «Um captivo me tomava;  
 «E quando em forças crescida  
 «Quiz-me elle mesmo ensinar  
 «A tomar nas mãos a brida,  
 «Os ginetes a domar.

«Ora correr me fazia,  
 «Dado ao venatorio trato,  
 «O gamo, que parecia  
 «Nadar nas pontas do matto;  
 «Ora..... Mas ha! que aproveita  
 «Recordar carinho seu?....  
 «Minha desgraça é perfeita,  
 «Já não vive o Padre meu!  
 «Não vive; que se vivêra  
 «Por certo que a filha cára  
 «O seu braço soccorrêra,  
 «E a todo o custo a salvára!

«Hauzeri meu Padre é morto!...  
 «Cavalleiro, ah por piedade,  
 «Se desejas dar conforto  
 «Á minha dura anciedade,  
 «Corre ao campo da batalha,  
 «Ao posto o mais arriscado,  
 «Lá na torre, ou na muralha  
 «Acha-lo-has traspassado.  
 «Do seu escudo brilhante  
 «Aro de ouro em torno gira,  
 «De ouro e purpura o turbante  
 «Tem por tope uma saphira:  
 «É seu alfange pendente  
 «De rico talim bordado,  
 «Obra da filha, e presente

«Destinado a melhor fado!  
 «Corre, corre, cavalleiro,  
 «Se tens de mim compaixão,  
 «Se teu peito é verdadeiro,  
 «Se te doe minha afflicção:  
 «Busca o cadaver querido,  
 «Faze-o á filha entregar;  
 «Que eu possa o sangue espargido  
 «Com o triste pranto lavar:  
 «Que eu possa triste e mesquinha  
 «Dar seu corpo á terra dura,  
 «E de quanto caro eu tinha  
 «Expirar na sepultura!»

Assim a Virgem moura se exprimia,  
 Mais de um suspiro as vozes lhe cortava,  
 E o pranto, que dos olhos lhe corria,  
 Da linda face as rosas lhe banhava.  
 O mancebo dos labios seus pendia  
 Que no ardor de servi-la se abrazava,  
 E mal ella acabou, aos pés prostrado,  
 D'esta sorte lhe volve transportado:

«Por piedade, anjo de graça,  
 «Mitiga a acerba afflicção  
 «Que a alma me despedaça,  
 «Que me parte o coração.  
 «Salvarei, pois o desejas,  
 «Esses despojos presados;  
 «E se ao furor das peleijas,  
 «Foram seus dias poupados,  
 «Verás teu pai a teu lado,  
 «Oh bella, n'um curto instante:  
 «Feliz de adoçar teu fado  
 «O teu extremoso amante!»

No semblante da Virgem peregrina  
 Rubor vivo a taes vozes apparece;  
 Qual ao raiar da aurora purpurina  
 A viva côr nas nuvens resplandece;  
 Em seu peito porem, que a dôr domina,  
 A surpresa de prompto se esvaece,  
 Com gesto firme, e com solemne accento  
 Confirma assim do moço o nobre intento.

«Cavalleiro generoso,  
 «Segue o proposito teu.  
 «Se o ceo para mim piedoso  
 «Salvo tem o Padre meu,  
 «Se ve-lo, abraça-lo ainda  
 «Eu dever a teu cuidado  
 «Pela gratidão infinda  
 «Terás meu peito ligado;  
 «Mas se o Padre, vivo, ou morto,  
 «Me não fôr restituído,  
 «Não busques p'ra mim conforto,  
 «Meu fado ha de ser cumprido.  
 «Jámais Fatima opprimida  
 «Escrava de um vencedor,  
 «A tal extremo abatida

«Servirá sob um senhor;  
 «Que antes de ver-me aviltada  
 «Saberei da abjecta sorte,  
 «Da condição exasperada,  
 «Achar allivio na morte.»

«Não por certo, exclama o moço  
 Prompto o corpo alevantando,  
 «Se teu mal prevenir posso,  
 «Eu vôo já ao teu mando.  
 «Alenta o peito formoso,  
 «Minóra tanta afflicção,  
 «Confia no ceo piedoso,  
 «Angelica perfeição;  
 «Que aqui pela chamma ardente,  
 «Que n'este peito ateaste,  
 «Juro, que ante o Sol nascente  
 «Verás esse que choraste.»

Diz, e qual parte a pedra sibilante  
 Da volteada funda despedida,  
 De Fatima veloz parte o amante,  
 Obedecendo á ordem recebida,  
 De penhasco em penhasco salta avante,  
 Desdenhando escolher senda seguida,  
 Chega ao Castello, ao campo de batalha,  
 Ás torres, á mortifera muralha.

Uma vez, outra vez corre o recinto;  
 Mas em vão, com o empenho não atina.  
 Cada corpo examina em sangue tinto,  
 Busca de balde, e em buscar se obstina;  
 É mais forte o amor do que o instinto,  
 Entre as scenas de horror, entre a ruina  
 Só Fatima divisa e seu tormento,  
 Suffoca amor todo o outro sentimento.

Desenganado de que em vão procura,  
 Volve Ruy ao centro do Castello,  
 Com um facho acceso desce á cella escura  
 D'onde ha pouco arrancára o fardo bello;  
 Interroga os soldados, a armadura  
 De Hauzeri lhes descreve; mas de ve-lo  
 Nenhum lhe dá signaes; exasperado  
 Volta outra vez ao campo ensanguentado.

Na pesquisa injucunda em vão porfia,  
 Inutil tedio! infructuosa lida!  
 Nem novas nem signaes achar podia,  
 nenhuns ha de Hauzeri morto, ou com vida.  
 No emtanto com o raiar de novo dia  
 Era a Lua no brilho amortecida,  
 E as estrellas mais proximas do oriente  
 Se engolfavam na luz do Sol nascente.

Do mancebo o valor succumbe á ideia  
 Da exasp'ração do ser idolatrado;  
 Fatima de antemão de afflicção cheia  
 Contempla em todo o peso de seu fado.  
 Por ve-la anhellá; mas ve-la receia,  
 Receia o seu pesar exasperado,  
 Vacilla, treme; mas amor o excita  
 E da matta na senda o precipita.

As muralhas transpõe, na brenha escura  
 Já seus tremulos passos avançavam,  
 Receio, impaciencia, horror, ternura  
 Em tropel dentro n'alma lhe luctavam;  
 Tanto mais progredia na espessura  
 Tanto mais seus transportes se exaltavam,  
 Os pensamentos se lhe confundiam,  
 E convulsos os membros lhe tremiam.

Fóra de si, sem tino, e delirante  
 Chega enfim ao logar onde deixára  
 O prodigio de amor, cujo semblante  
 De todo o ser antigo lhe mudára.....  
 Mas, oh pungente dôr! funesto instante!  
 É deserto o penedo..... a forma rara  
 Se esvaeceu na sua ausencia breve,  
 Qual com o romper do dia o sonho leve.

Ligeira barca, que a favor do vento,  
 Em demanda da praia desejada,  
 Vai rapida cortando o salso argento,  
 Deixando apoz a esteira prolongada,  
 Perde o impulso, a força, o movimento,  
 Em banco ignoto subito encalhada:  
 Tal fica aniquilado, immovel, quedo  
 O surpreso Ruy ante o penedo.

Mas depois, prolongando um doce engano,  
 Luctando ainda contra a desventura,  
 Pela Moura clamando, o moço insano  
 Discorre aquem e alem pela espessura;  
 Porem o infausto, extremo desengano  
 Não pode recusar, quando a verdura,  
 Já pelo Sol nascido alumiada,  
 Se lhe antolha deserta, abandonada.

«Tudo perdi, desgraçado,  
 Exclama o moço insensato,  
 «Só n'esta alma o seu retrato  
 «Dura com fogo gravado!

«Chamma horrivel me devóra,  
 «Fogo intenso, fogo interno!  
 «Tu foges impia e traidora,  
 «Deixas em meu peito o inferno!

«Como?... com quem?... para onde!...  
 «Serpe em meu seio esquecida!  
 «Que valle, ou que serra esconde,  
 «Perversa, a tua fugida?.....

«Juro pela fé sagrada,  
 «Que de meus avós herdei,  
 «Que em tua raça odiada  
 «Meu tormento vingarei!

«Dos teus no perfido sangue  
 «Este ferro hei de ensopa-lo,  
 «De teu pai no corpo exangue  
 «Hei de a teus olhos crava-lo!

«Salvei-te a vida, e meus dias  
 «Daria por defender-te,  
 «Mal teu desejo enuncias,  
 «Prompto vôo a obedecer-te.

«Volvo de amor transportado,  
 «De puro extremo incendiado;  
 «Sou trahido, abandonado,  
 «Enganado, escarnecido!.....

«Nem se quer um monumento  
 «Restará de opprobrio tanto;  
 «Nem tu, oh musgoso assento,  
 «Nem tu, oh viçoso manto.

Isto diz... Desatinado  
 Prostra co'a espada a verdura.  
 Fere fogo o aço temp'rado  
 Percutindo a pedra dura.

Qual cão, de raiva atacado,  
 Distilando a baba impura,  
 Tinto em sangue o olho ardente,  
 Té na pedra imprime o dente;

Ou qual o touro insofrido,  
 A crú jogo abandonado,  
 Ardente dardo incendiado  
 Tendo no corpo cravado,

Salta, brame, urra, e pungido  
 Do fogo sempre ateado,  
 Em corcovos accommette,  
 E contra a têa arremette:

Tal o moço furioso  
 Musgo, relva, arbustos, flores,  
 Prostra, arranca, impetuoso  
 Nada poupa em seus furores;  
 Té que emfim com gesto iroso  
 Volve espaldas aos verdores,  
 E do sitio triste, e infausto  
 Se arranca de força exhausto.

Affonso, em tanto, em pompa respeitosa  
 Dos ministros de Deus marcha cercado  
 Á capella da Virgem gloriosa,

Que no forte Castello havia alçado.  
 Segue-o dos seus a turba numerosa  
 Exultando por ver desagradado  
 Do insulto agareno o logar santo  
 Com o christão sacrificio sacrosanto.

Já tinham descendido a curta escada,  
 Que ao pavimento interno conduzia,  
 Da porta o cume agudo transpassado  
 Onde esculptado o Trino Deus se via;  
 Co'a sagrada aspersion tinham mundado  
 Do sacro pavimento a lagem fria,  
 Em canto baixo e triste repetido  
 Psalmo do Rei profeta arrependido.

O merencorio som no templo escuro  
 Vagaroso, e solemne resoava,  
 Á piedosa effusão de um zelo puro  
 Devota a multidão se abandonava;  
 Quando Ruy com passo mal seguro  
 Do Castello nos muros penetrava  
 E levado da lugubre harmonia  
 Na Capella entre os mais se confundia.

Neste mesmo momento o Celebrante  
 Ante o altar sagrado reverente  
 Se inclinava, e o povo circumstante  
 Baixava até á terra humilde a frente.  
 A tal vista o mancebo delirante  
 Seu barbaro furor desmaiar sente,  
 Sente expirar a raiva, e a fereza,  
 Trocar-se a ira em luto e em tristeza.

Os musculos contractos se relaxam,  
 A frente, hirta até alli, no peito inclina,  
 Sobre os olhos as palpebras se abaixam,  
 O fogo abrazador cede e declina.  
 Não de outra sorte as plantas vigor acham  
 Do orvalho na frescura matutina,  
 Como adoça ao mancebo o horrendo estado  
 A pompa augusta, o cantico sagrado.

Tal quando arrebatado, e possuido  
 De furias infernaes, castigo horrendo,  
 O do povo de Deus primeiro unguido,  
 Co'espírito das trévas combatendo,  
 Fora de si, convulso, enfurecido,  
 Se estava entre agonias debatendo,  
 Da harpa de David a melodia  
 Seu soffrimento acerbo adormecia.

Findou porem a pompa veneranda,

Os canticos, e os ritos terminaram;  
 E em alas logo de uma e outra banda  
 Do vestibulo as gentes se formaram;  
 Ao pio vencedor que os rege e manda  
 Mil triumphaes applausos elevaram;  
 E em marcha triumphal, dos seus seguido,  
 É Affonso ao Alcacer conduzido.

Alli chegado, próve na defeza  
 Dos muros novamente conquistados,  
 Para que nem por força, nem surpresa  
 Possam mais ser dos mouros retomados.  
 Confia defender-lhe a fortaleza  
 Ao valor de Monteiro, e seus soldados,  
 Em vez de Payo, que perdido a havia  
 De Theotonio co'a gente a quem regia.

Mas já n'aquelle tempo o Prior Santo,  
 Que tal era o pensar n'aquella idade!  
 O baculo depondo, e o sacro manto,  
 Alliando a vingança co'a piedade,  
 Entre os mouros fizera estrago tanto  
 Em despique da perda da Cidade,  
 Que em Arronches, por elle aos seus rendida,  
 Fôra de Affonso a lei reconhecida.

Ao tempo em que entre os sabios conselheiros  
 O Rei a paz e a guerra discutia,  
 E ao longo das muralhas os guerreiros  
 Folgavam da conquista na alegria;  
 Ruy, a joven flôr dos escudeiros,  
 Monta o cavallo, que da Andaluzia  
 Aos corceis os mais bellos fôra inveja  
 Do manejo na pompa, ou na peleija.

Mas não sustenta o moço a redea leve  
 Co'a costumada e dextra gentileza,  
 Que ao soberbo animal motos prescreve  
 Que lhe dobram as graças e a belleza,  
 Deixa-a pender no collo airoso e breve,  
 E submergido em lugubre tristeza,  
 Sair faz ao acaso o bruto bello  
 Pela primeira porta do Castello.

O bruto a mão usada não sentindo  
 Co'a frente baixa o trilho proseguia,  
 Tardo no passo, o collo distendido,  
 Partir do damno as magoas parecia;  
 Abandonado a si, não conduzido,  
 Do Lena para a margem progredia;  
 No sitio onde hoje sua perenne fonte  
 Transpõe o passageiro sobre a ponte.

O quadrupede docil, como esp'rando  
 A lei de seu senhor na fresca borda  
 Um momento parou, e o moço olhando  
 Com torvos olhos, como quem acorda  
 De sonho ingrato, e á rasão tomando,  
 Móres penas reaes sente, e recorda,  
 Distrahido lhe affaga o collo, e clina,  
 E para a dextra a leve redea inclina.

Não longe do logar onde se achava  
 Graciosa a corrente se torcia,  
 Alli viçosa a margem se adornava  
 Das plantas, que o remanso mais nutria,  
 Com graça ao lado opposto se elevava  
 Um mamillo gentil, donde surdia  
 Um fio de agua clara murmurando  
 Qual rôla entre a verdura suspirando.

A curta elevação faz que se aviste  
 D'alli do valle ameno a gentileza,  
 Ondulado terreno em frente existe  
 D'onde o cultura tem banido a asp'reza,  
 Alternada co'a vinha alli subsiste  
 A pallida oliveira, e a riqueza  
 Da loura Ceres; fecha o quadro bello  
 Do ceo sobre o azul negro o Castello.

Aqui pára Ruy e desmontando  
 A um ramo o corcel liga, e lentamente  
 Vai a placida fonte procurando  
 Onde só gemer possa livremente;  
 Mas junto um peregrino vê, tomando  
 A simples refeição, na herva jacente  
 Seu pobre alforje está desenvolvido,  
 Viatorio bordão jaz estendido.

A gorra de aba espaçosa  
 Calva a frente lhe obumbrava,  
 A concha da praia ondosa  
 O capello lhe adornava;  
 De uma correia nodosa,  
 Que o pardo saio apertava,  
 Pendente a cabaça tinha  
 Que a bebida em si continha.

Escravo por longos annos  
 De um mouro, que o captivára,  
 Mão gentil da sorte os damnos  
 Compassiva lhe adoçára.  
 Quebrou-lhe os ferros tyrannos;  
 E liberto lhe inspirára  
 Sua devoção singella  
 Ir romeiro a Compostella.

Tal se mostrava o Romeiro,  
 Que assim Ruy saudou:

«Deus vos salve, Cavalleiro,  
 «Vosso humilde servo sou.  
 «Se do trato meu grosseiro,  
 «Que aqui consumindo estou,  
 «Vos pode o uso ser grato,  
 «Partiremos do meu trato.

**RUY.**

«Graças mil bom peregrino,  
 «Deus vos dê feliz successo  
 «Até o vosso destino  
 «E bem assim no regresso.  
 «Ao Apostolo divino  
 «Bom Romeiro o que vos peço  
 «É que na vossa oração  
 «Vos alembreis d'este irmão.

**ROMEIRO.**

«Dizei-me, bom Cavalleiro,  
 «Se com o nosso Rei andais,  
 «De Pedro Affonso o escudeiro  
 «Que nome tem, que signaes?  
 «Dizem-me ser tão guerreiro,  
 «De tal pórte, e de obras taes  
 «Que as gentes na lide espanta  
 «E fóra d'ella as encanta.

**RUY.**

«Esse escudeiro que dizes  
 «De Ruy o nome tem,  
 «Dos signaes para que ajuizes  
 «Elle mesmo a ver-te vem.  
 «Mais não busques nem pesquizes  
 «Novas; se as trazes de alguém,  
 «Falla palavras seguras  
 «Que eu sou esse que procuras.

**ROMEIRO.**

A nova de que ora tracto,  
 Senhor, é tão delicada,  
 Que heis perdoar o recato  
 Com que ha de ser confiada.  
 Dizei-me, onde existe um matto  
 Com um penedo musgado,  
 Onde na noute apparecem  
 Sombras que se desvanecem?

**RUY.**

Onde existe?..... O atrevimento  
 Quem te deu de pergunta-lo  
 Venha de sangue sedento  
 Em proprio, e armado indaga-lo;  
 Que á face do firmamento  
 Eu juro que hei de ensina-lo  
 A não juntar a ousadia  
 Á mais baixa covardia!

**ROMEIRO.**

Por Christo! não te enfureças  
 Escudeiro generoso,  
 P'ra que a verdade conheças  
 Traz-me acaso venturoso.  
 As apparencias são essas,  
 Mas em caso duvidoso  
 Quem a apparencias se afferra  
 Muitas vezes troca e erra.

Attenta no que te digo  
 Que quem partiu me dictou:  
 --Tu me salvaste de um p'rigo  
 A que o padre me guiou,  
 Fujo-te, o padre é quem sigo,  
 Foi elle quem te espiou,  
 Quem te seguiu á espessura  
 Da noute na sombra escura.

Mal par'o buscar te apartaste  
 O Padre me appareceu,  
 Tu enganado ficaste  
 Só elle o engano teceu;  
 Mas se acaso te agastaste  
 Com este proceder meu  
 Sabe que maior desgraça  
 Do que a tua em mim se passa.

Essa, que p'ra sempre grata  
 Te prometteu jurou ser,  
 Bem longe de ser ingrata,  
 Vai muito além do dever;  
 Amor a consume, e a mata,  
 E se t'o ousa dizer  
 É com a esperança perdida  
 De mais t'o dizer na vida.

Distancia, muralha armada  
 E das seitas o rancôr  
 Com barreira triplicada  
 Circumdã a sua dôr:  
 De saudades definhada  
 Triste victima de amor  
 Será de Fatima a sorte  
 Suspirar até á morte.--

Assim carpindo a formosa  
 Ouvi, que nunca enganou,  
 Essa cuja voz piedosa  
 Liberdade me alcançou,  
 Ouvi-lhe a queixa afanosa  
 Que puro amor lhe arrancou.

Ah! possa Deus por ti mandar-lhe um dia  
 A paz no ceo, na terra a alegria.»--

Em quanto assim fallava o viandante  
 O alforge e o bordão alevantava,  
 E mal que terminou, no mesmo instante  
 Da cristalina fonte se apartava.  
 O enternecido, transportado amante

Debalde uma, e mil cousas perguntava,  
 Mais não volveu resposta o peregrino,  
 E mudo foi seguindo o seu destino.

### **FIM DO CANTO TERCEIRO.**

### **CANTO QUARTO.**

Mas quem póde livrar-se por ventura  
 Dos laços que amor arma brandamente  
 Entre as rosas, e a neve humana pura,  
 O ouro, e o alabastro transparente?  
 Camões, Lus., C. 3.º, E. 142.<sup>a</sup>

Da socegada noite o astro cadente  
 P'ra plaga occidental já se inclinava:  
 Precursora do Sol resplandecente  
 A matutina estrella scintilava.  
 Do Téjo sobre a placida corrente  
 Nem a mais leve brisa volitava,  
 Jazia a folha immovel no arvoreda  
 Tudo dormia socegado, e quedo.

Apenas o silencio prolongado  
 Lá do longinquo charco interrompia  
 A grasnadora raã, do ramo alçado  
 O triste mocho, que agoureiro pia.  
 Eis que ao longo do rio socegado  
 Um fraco som parece que se ouvia  
 Compassado, moroso, e semelhante  
 Ao surdo murmurar de agua distante.

Distingue-se melhor, em força cresce  
 Pouco a pouco se vem approximando,  
 Com o murmurio das aguas já parece  
 Ouvir-se o som do lenho em lenho dando,  
 Saltando a limpha a espaços resplandece,  
 O cristal se desliza sussurrando.  
 «Alerta companheiros com presteza  
 «Os remos esforçai, que é certa a preza!

Assim brada uma voz, e vigorosos  
 Montam nove o batel, que a sombra escura  
 Dos salgueiros encobre, que viçosos  
 A orla adornam da corrente pura:  
 Oito aos remos se lançam pressurosos,  
 Em quanto o Chefe empunha a cana dura,  
 Guiando a barca, que qual seta vâa  
 Ao mourisco batel, que tem na prôa.

«Nazarenos!... na lingua arabia grita  
 A gente do batel sobresaçada.

«Nazarenos» bradando, esforça, excita  
 O maioral a gente ao remo usada.  
 «Leva remos p'ra já, raça maldicta,  
 «Rendei-vos, perros, ou ireis á espada,  
 Gritam da barca, que veloz singrando  
 Vai o batel dos mouros alcançando.

«Lança o croque, a fateicha, afferra, atraca,  
 «Que não possa escapar-se a gente infida,  
 Brada o Chefe Christão, que prompto ataca  
 O batel que desiste da fugida.  
 Por defende-lo o mouro a espada sacca,  
 Trava-se atroz peleija tão renhida  
 Nos barcos afferrados, qual na terra  
 Soe tenaz mostrar-se a horrivel guerra.

Do christão bando ao impeto primeiro  
 Dos infieis o barco fôra entrado,  
 Não sem que tres christãos o derradeiro  
 Termo houvessem nas aguas encontrado;  
 Mas logo, atraz dos bancos do remeiro,  
 Peleija o bando mouro intrincheirado  
 Como quem não curando já da vida  
 Antes do que captiva a quer perdida.

Brilha no ár vibrando a espada núa,  
 Penetra pelas armas a estocada,  
 Céva no roxo sangue a raiva crúa  
 Do talhador alfange a cutilada.  
 Nenhum pensa em ceder, nenhum recúa  
 Em quanto a força em sangue derramada  
 Ao braço não fallece, e a mão pendente  
 Não deixa o ferro matador jacente.

Já dos nove christãos que accommetteram  
 Tres a morte nas aguas encontraram,  
 Cinco do peito aberta a vida deram  
 Que á estocada os mouros lhe arrancaram;  
 Mas as vidas bem caras lhes venderam  
 Que oito tambem dos perros expiraram,  
 E dos sete que restam, tres feridos  
 Vão a vida exhalando entre gemidos.

Mas o Chefe Christão só no perigo  
 Crescer sente o valor co'horrer e estrago,  
 Qual raio abrazador sobre o inimigo  
 Cahe, bradando em voz alta «San-Tiago.  
 Morte, espanto, e terror leva comsigo,  
 Faz-se o batel de sangue um bruto lago,  
 Onde o maioral mouro acaba a vida  
 E o Christão Chefe a dextra tem ferida.

Dos mouros uns ao ferro a vida entregam  
 Outros da barca pavidos saltando  
 Escapados á morte á margem chegam  
 Com o sangue as puras aguas maculando.  
 Assim ao só Ruy a barca legam,  
 Que era elle o que indomito pugnando  
 Tinto no proprio sangue generoso  
 De tantos triumphára valoroso.

Ruy, que junto aos muros de Leiria,  
 Principal instrumento da victoria,  
 O que perdêra em paz, e em alegria  
 Co'indomito valor ganhára em gloria,  
 Que Affonso prezador da valentia,  
 Conservando seus feitos na memoria,  
 Quando á mão de Mafalda a mão ligára  
 Com pompa augusta Cavalleiro armára,

E depois, quando o genio seu guerreiro  
 A empreza concebeu agigantada  
 De surprehender com bando aventureiro,  
 Com imprevista, subita escalada,  
 O sitio forte, erguido, e sobranceiro,  
 Onde a Virgem Irene sepultada  
 Do Téjo, que soberbo aos mares vem,  
 Por milagrosa campá as aguas tem,

Para que gente moura, ou rica preza  
 Com mais difficuldade lhe escapasse,  
 De Ruy commettêra a gentileza  
 Que nas margens do Téjo se emboscasse,  
 E com a usada, indomita braveza  
 Qualquer batel no rio lhe tomasse  
 P'ra que os de Agar vencidos não sentissem  
 N'agua ou terra por onde lhe fugissem.

Com animo esforçado o bravo moço  
 Assim cumprido o real mando havia,  
 E dos mouros com o barbaro destroço  
 Das feridas o sangue confundia.  
 Da desigual peleija o alvoroço  
 Que de Ruy dobrára a valentia  
 Cessado tinha, e o braço seu ferido  
 Sente com o corpo já desfallecido,

A ferida estancar em vão procura  
 Co'a mão esquerda o Joven animoso,  
 Que a mão, co'a dôr pungente mal segura,  
 Recusa o ministerio caridoso.  
 Do sangue á perda emfim cede a natura,  
 Succumbe á dôr o moço vigoroso.  
 Seu corpo sob as armas desfallece,

Cahe prostrado na barca que estremece.

Mas antes que do Téjo na corrente  
 Fosse a ordem real executada,  
 Pelo ardente valor da christãa gente  
 Com temerario arrojo era assaltada  
 De Santarem a arce, que imprudente,  
 E no escarpado accesso confiada,  
 De Hauzeri sob o mando, que a regia,  
 O poder dos de Christo escarnecia.

Meias adormecidas, sem cuidado  
 As vélas sobre o muro mal vigiam,  
 Quando a escada fatal alevantado  
 Tem o nobre Moniz, que os mais seguiam.  
 Acorda tarde o mouro alvoraçado,  
 Que os confusos clamores desafiam,  
 Que os Christãos da muralha já senhores,  
 Em breve as portas entram vencedores.

De Affonso no poder cahiu dest'arte  
 Aquella, que no cume se assentava,  
 Soberba dominando a toda a parte  
 A campina feliz, que o Téjo lava.  
 Inutil foi p'ra o mouro circumdar-te  
 De fortes torreões, co'a gente brava  
 Procurar preservar-te e defender-te,  
 Se uma noute bastou para render-te.

Noute cruel e horrivel, em que o córte  
 Da espada anniquillou a audacia tua!  
 Em que a tyranna, despiedada morte  
 A fome saciou barbara e crúa!  
 Em que rios de sangue por tal sorte  
 O fio fez correr da espada núa,  
 Que apenas a seus golpes escaparam  
 Tres, que o fugido alcaide acompanharam.

De Sevilha em alta torre  
 O Rei mouro está sentado:  
 D'alli co'a vista discorre  
 Pelo campo dilatado  
 Que o Guadalquivir percorre.

Eis que p'ra banda do rio  
 Quatro vê vir cavalgando.  
 Um dos quaes o senhorio  
 Parece que tem do bando,  
 Que segue o seu alvedrio.

Vem todos de pó cobertos,  
 Os ginetes vem cançados,  
 Mostras claras, signaes certos  
 De marchar afadigados  
 Mostram aos olhos expertos.

Por Deus!» o Rei mouro brada--  
 Do presago coração  
 O agouro não me agrada!  
 Trazem nova de afflicção  
 Esses que vejo na estrada.

Aquelle que vem na frente  
 No cavallo mais formoso,  
 É Hauzeri certamente,  
 Que contra o Christão fogoso  
 Accode a pedir-nos gente.

Pelo Profeta vos digo,  
 Que se aqua aos brutos não dão  
 Santarem está em perigo  
 De em breve cahir na mão  
 Do Christão nosso inimigo;

Porem se a sêde que tem  
 Aos corceis deixam matar,  
 É tomada Santarem,  
 E a nova funesta a dar  
 Fugitivo Hauzeri vem!»--

Mal do Rei mouro acabavam  
 Os discursos agoureiros,  
 Que logo ao rio chegavam  
 Os cançados cavalleiros  
 E beber aos brutos davam.

Não tarda que desmontado  
 Ante o mouro commovido  
 Tivesse Hauzeri narrado  
 O desastre acontecido,  
 O caso desventurado.

Como Affonso se partira  
 Com sua bellica gente,  
 Como a marcha lhe encobrira,  
 Sobre a villa confidente  
 Como inesperado cahira:

Como as vélas surprehendidas  
 São no muro degoladas,  
 As escadas erigidas,  
 As muralhas assaltadas,  
 E as fortes portas partidas:

Como a gente, por tal sorte  
 De susto e trevas tomada,  
 Ou passa do somno á morte,  
 Ou corre desacordada  
 Encontrar da espada o córte:

Como emfim, perdida a esperança,  
 Da arce os Christãos senhores,  
 Cevando-se na matança,  
 Se esquivára aos vencedores,  
 A buscar prompta vingança,

E das aguas confiando  
 A filha, que preservára  
 Com tres só, dos de seu mando,  
 Pr'a elle Rei caminhára

Submetter-lhe o caso infando.

Assim os mouros souberam  
De Irene os muros tomados;  
Grande terror conceberam,  
Ao vêr a quanto arrojados  
Os de Christo se atreveram.

Porem do Téjo á placida corrente;  
As barcas sem governo abandonadas,  
Pouco a pouco do rio brandamente  
Foram ás verdes margens encostadas:  
Das aguas no remanso mollemente,  
De verdes espadanas rodeadas,  
Com o descer da maré firmes ficaram  
E no lado bojudo se inclinaram.

Á luz volve Ruy, renasce á vida;  
Mas qual surpresa, qual doce portento!  
Já não goteja o sangue da ferida,  
Já o não punge a dôr e sofrimento;  
Ao recobrar a sensação, perdida  
Do sangue no espectáculo cruento.  
Abre os olhos, contempla a formosura  
Que qual sonho perdera na espessura.

Em vez da scena barbara horrorosa,  
Onde á força da dôr ficou jacente,  
Volve a si, reclinado na viçosa  
Relva, que esmalta a borda da corrente.  
Co'escudo, e lança, a espada bellicosa  
Dos ramos de um salgueiro está pendente,  
E a matutina brisa fresca, e pura  
Junta o sussurro ao da agua que murmura.

Jaz a seu lado o elmo desprendido,  
Do duro peso a frente libertada;  
O peito, antes das armas opprimido.  
Livre a aura respira embalsamada;  
Com tella delicada está cingido  
O braço, que ferira imiga espada,  
E a linda moura, lagrymas chorando,  
Lhe está no seio a frente sustentando.

«Visão!... visão do Ceo, sem pár encanto  
«Inefavel prazer, que me aviventas,  
«Doce illusão de amor!..... mas esse pranto  
«Suspende, ah sim, com elle me atormentas.  
«Nesse rosto tão bello, puro, e santo,  
«Com cujo aspecto a vida me sustentas,  
«Deixa vêr um sorriso, um gesto amante;  
«Vê-lo sequer n'um derradeiro instante!

«Ah deixa que em meus braços amorosos  
 «Aperte a imagem que p'ra mim é vida;  
 «Que unidos n'um só ser, ambos ditosos  
 «Nossa essencia vejamos confundida!  
 «Ah Fatima, dos dias meus ditosos  
 «Delicias e prazer, Virgem querida,  
 «Ja não ha quem de mim possa apartar-te  
 «Tu das-me a vida, vivo só p'ra amar-te!

Disse Ruy: e a Moura, a quem a ardente  
 Força de um terno amor vence e domina,  
 Sobre o peito do amante a linda frente,  
 Desfeita em meigo pranto, amante inclina.  
 Ruy no peito a aperta vehemente,  
 Triumfa amor, amor só predomina!.....  
 Quando a barca de subito estremece,  
 Co'a luz do raio a margem resplandece.

Retumba do trovão o som tremendo,  
 Da distante montanha os echos gemem,  
 Do rio a calma subito rompendo  
 Na borda antes tranquillã as aguas frémem.  
 Á Virgem delirante o choque horrendo  
 A razão restitue; seus membros tremem,  
 Arranca-se assustada espavorida  
 Dos braços com que o moço a tem cingida.

«Suspende, ah sim suspende, ó bem amado,  
 «De ti me afasta a propria natureza.  
 «Não contempas o Ceo de horror toldado,  
 «O rio, o campo envoltos na tristeza.  
 «Foge Christão, que o meu funesto fado,  
 «Sem igual nos rigores, na dureza,  
 «Não me fez para ti, nem consentíra  
 «Que amor em doce laço nos uníra.

«Foge, oh Christão invicto, e generoso,  
 «A quem prouvéra ao Ceo que ora não visse;  
 «Mas já que fez teu braço poderoso  
 «Que em teu poder segunda vez cahisse,  
 «Que a teus olhos meu peito o desditoso  
 «Amor sem esperanças descobrisse,  
 «Só te resta fugir sem mais demora  
 «Quem, por seu mal, e por teu mal, te adora.

Isto a Moura dizia; mas o amante  
 Nem o trovão, nem seu carpir ouvia,  
 Transportado de amor, e delirante  
 De novo a moça com ardor cingia.  
 De virginal rubor tinto o semblante  
 Fatima seus transportes combatia;  
 Mas a modestia mais lhe agrava a sorte;

Que o amor de Ruy torna mais forte.

Combate ainda em pranto suffocada,  
 Ora emprega o rigôr, ora a ternura,  
 Ora Ruy argue com voz irada,  
 Ora lhe pinta a extrema desventura,  
 Cego o moço prosegue..... quando alçada  
 De repente ante os dois surge a figura,  
 De Ruy á memoria não estranha,  
 Do venerando Ermita da montanha.

O mesmo era, que alli achado havia  
 Na piedosa oração todo engolfado,  
 A mesma longa barba lhe descia  
 Sobre o peito, no vulto magoado  
 Outra expressão porém ora se lia,  
 E com semblante triste mais que irado,  
 Do insano mancebo a mão tomando,  
 Lhe diz com tom de voz sereno e brando.

«Tu, filho de Ruy, tu de seus feitos  
 «Assim procuras igualar a gloria?  
 «Assim do Pai os ultimos preceitos,  
 «Filho ingrato, conservas na memoria?  
 «Á Mãi, que o ser te deu, nutrio aos peitos,  
 «Foi esta a promettida alta victoria,  
 «Quando do martyr Pai armas sagradas  
 «Te entregou de seu sangue inda esmaltadas.

«Julgas-te generoso, porque a vida  
 «Nos campos das peleijas arriscaste,  
 «Porque valente e audaz da gente infida  
 «Na dura guerra o impeto domaste,  
 «Porque esta moça só, desprotegida  
 «Nos conquistados muros preservaste;  
 «Mas, quando, oh moço audaz, assim fizeste,  
 «De imperio sobre ti que prova déste?....

«Tu, que esquecendo as leis de cavalleiro,  
 «Quando uma Virgem tímida, innocente,  
 «Acaba de salvar-te o derradeiro  
 «Sopro da vida, a teu desejo ardente,  
 «Sem respeitar seu desamparo inteiro,  
 «Buscas sacrifica-la impaciente,  
 «Abusar da imprudencia e juventude;  
 «Que assim curas da honra e da virtude!

«Mas Deus a protegeu, o o ceo piedoso  
 «Que guardada lhe tem mais nobre sorte  
 «Soube arranca-la ao moço impetuoso  
 «Que ella arrancado havia ás mãos da morte.  
 «Dóma, oh mancebo, o genio teu fogoso,

«Sabe ás paixões oppor uma alma forte,  
 «Que em vão procura a honra e busca a gloria  
 «Quem aos desejos seus cede a victoria.

«Sabe não tarda a hora que ha marcado  
 «A eterna, e insondavel Providencia  
 «P'ra que d'ella, e de ti se cumpra o fado,  
 «Que não pode prever mortal prudencia,  
 «Mal de quem, com seu sopro envenenado.  
 «Pertender profanar essa innocencia!  
 «Mal de ti, se a cumprir te não dás préssa  
 «Do ceo a ordem, que por mim se expréssa!

«Não distante d'aqui, na opposta margem  
 «Um barco mouro o Téjo vem subindo,  
 «Procura Santarem sua viagem,  
 «Um irmão de Hauzeri vem conduzindo;  
 «Saia-mos-lhe ao encontro na passagem,  
 «Da nova aquelles mouros instruindo,  
 «Volverão, esta Virgem lhes daremos,  
 «E assim a Lei sagrada cumpriremos.»

Fallando assim, do Ermita venerando  
 A voz era solemne, e magestosa,  
 Via-se a frente calva circumdando  
 Uma aréola clara e luminosa;  
 Subjugado Ruy cede a seu mando,  
 Já na agua nada a barca pressurosa,  
 Já, proximos da opposta ribanceira,  
 Sentem remar dos mouros a bateira.

Porem ao som do remo, que devia  
 Para sempre talvez roubar-lhe a amada,  
 No coração do moço renascia  
 A tempestade apenas abafada;  
 Se co'amor o respeito combatia,  
 Não dura a luta na alma apaixonada,  
 Cede o respeito, e o moço exasperado  
 Ao velho falla assim com gesto irado.

«Quem, oh velho agoureiro! dependente  
 «Coustituiu de ti o meu destino?....  
 «Vate de malles, barbaro inclemente,  
 «P'ra que simulas leis do ceo benino?.....  
 «Vai, cessa de ligar teimosamente  
 «A minha sorte ao fado teu mofino,  
 «De perseguir meus dias, de insultar-me,  
 «E co'escuro provir de ameaçar-me.

«É tua de Hauzeri acaso a filha?....  
 «Acaso nos combates me ajudaste?....  
 «Este braço, esta espada que aqui brilha

«Acaso foste tu que os animaste?...  
 «Esta de amor suave maravilha  
 «Acaso foste tu quem a salvaste?...  
 «Não. Entrega-la a barbaros imigos  
 «Só sabes querer, e expo-la a novos perigos.

«Ah! se longe de tudo á dôr votado,  
 «Aborreces o mundo, e seus deveres,  
 «Volve ao ermo dos homens sequestrado,  
 «Céva na solidão teus desprazeres,  
 «Não venhas com teu halito empestado  
 «Murchar da vida a flôr aos outros seres,  
 «Nem blasfemes o ceo, querendo que eu veja  
 «Desleixada, a que o ceo quer que eu proteja.

«E póde querer o ceo, que eu a innocencia  
 «Nas mãos dos infieis de novo entregue,  
 «Que Fatima infeliz da Fé na ausencia  
 «O Deus que a protegeu blasfeme e negue?...  
 «Póde querer, que a abandone sem clemencia  
 «Ao funesto destino que a persegue?...  
 «Não, não póde tal querer; nem separado  
 «Soffrerei ser de um bem que o ceo me ha dado.

«Aparta-te de mim tu que o projectas,  
 «Aparta-te de mim, antes que iroso  
 «Pelas expressões tuas indiscretas  
 «Me leve o sangue a extremo perigoso!  
 «Ao zelo que por mim, por ella affectas  
 «Prestes pôe termo, foge pressuroso,  
 «Deixa-me, oh velho insano, ao meu destino,  
 «Poupa-me algum funesto desatino!

Immovel, qual rochedo, o velho Ermita  
 Do mancebo os transportes escuitava,  
 A compaixão, que seu penar lhe excita,  
 No gesto enternecido se mostrava.  
 Pallida, e sem alento a moça afflicta  
 Aos ceos os lindos olhos levantava,  
 Como quem do poder soberano e forte  
 Submissa, e resignada espera a sorte.

N'isto do batel mouro percutida  
 É a barca do remo abandonada:  
 N'agua mergulha a borda, compellida  
 Do veleiro batel pela pancada.  
 Aquella vê Ruy, que lhe era vida,  
 No rio desaparecer precipitada,  
 Grita, lança-se ao rio a soccorre-la,  
 Mergulha em vão, em vão quer recolhe-la.

Mas o braço do Ermita mysterioso

Fatima sobre as aguas amparando  
 Longe a leva do amante impetuoso,  
 Que em vão a está nas aguas procurando,  
 Clama ao batel dos mouros pressuroso,  
 E a filha de Hauzeri prompto entregando,  
 Volve a Ruy, arrastra-o da corrente,  
 E desaparece á vista em continente.

### **FIM DO QUARTO CANTO.**

### **CANTO QUINTO.**

Quaes no profundo reino os nus espiritos  
 Fizeram descançar de eterna pena  
 C'uma voz de uma angelica Sirena  
 Camões, Lus., C. 10.º, E. 5.ª

Vagaroso vem marchando  
 Na vereda um cavalleiro,  
 Nobre ginete montando;  
 Traz o rosto do guerreiro,  
 Que a vizeira alevantada  
 Deixa contemplar inteiro,  
 Co'a acerba dôr concentrada  
 Negra sombra de tristeza  
 Profundamente gravou.

Dos olhos seus a viveza  
 Apaga a melancholia,  
 Da intensa magoa a dureza.  
 Tormento de mais de um dia,  
 Froixa luz de escaça esperança  
 Se lê na fisionomia.  
 Pena, que a velhice avança,  
 Infausta paixão ardente  
 Causas são de tal mudança.

Como o tronco florescente,  
 Que ha pouco altivo, e frondoso  
 Ornava a selva virente,  
 Que o furor do vento iroso  
 Rebramando enfurecido  
 Desafiava orgulhoso,  
 De insecto voraz roido  
 Na raiz que o alimenta,  
 Murcho abate o cume erguido,  
 Alta a copa não sustenta,  
 Perde da folha a verdura,  
 Que a seiva não alimenta,  
 Guarda só do lenho a altura,  
 Merencorio documento  
 Da perdida formosura;

Assim, desde o atroz momento  
 Que Fatima lhe roubou,  
 Com saudade, amor, tormento  
 De Ruy o ser mudou.

No fundo d'alma  
 Do triste amante,  
 Nem um instante  
 Ha tregoa e calma.  
 Pena incessante  
 Que nada acalma.

Cada dia com o tempo reforçada,  
 Lhe consume a existencia desgraçada.

Já, qual soía  
 Quando ditoso,  
 Não impellia  
 O bellicoso  
 Da Andaluzia  
 Filho fogoso

Apoz o corredor que a lebre alcança,  
 Ou o gamo leve, que no campo avança.

Lá no torneio  
 Já não brilhava,  
 Marcio recreio,  
 Que outr'ora ornava  
 De audacia cheio,  
 Onde arrancava

Dextro e valente o premio em nobre luta;  
 Tanto a amarga tristeza a alma lhe enluta!

Mesto, isolado,  
 Ermos outeiros  
 Corre, apartado  
 Dos cavalleiros;  
 Só animado  
 Entre os guerreiros

Se mostra ainda em frente do inimigo,  
 Quando a tuba guerreira o chama ao perigo.

Ignora o infeliz qual seja a sorte  
 D'aquella por quem só lhe é cara a vida,  
 D'aquella sem a qual da espada ao corte  
 A existencia quizera ver perdida.  
 Nas aguas a deixára entregue á morte,  
 Nas aguas víra a Virgem submergida,  
 Longe d'ella com força irresistivel  
 Arrebatado n'esse instante horrivel.

Do agoureiro Ermita a milagrosa,  
 Subita apparição, prompta partida,  
 A aréola da frente luminosa,

A antiga prophécia d'elle ouvida:  
 A lembrança da Mãe terna e saudosa,  
 Do martyr Pai a ultima ferida,  
 Seus preceitos, legados á consorte,  
 Sellados pela fria mão da morte.

As palavras do Ermita, os seus furores  
 Contra elle, tão prompto castigados;  
 Seus primeiros desejos, seus ardores  
 Pelo ceo, como acinte, perturbados;  
 Os olhos de Fatima encantadores,  
 Quaes por ultimo os vira aos ceos alçados,  
 A angelica expressão do seu semblante,  
 Tudo a Ruy se pinta em cada instante.

O socego na noute em vão procura,  
 Foge o somno a seus olhos vigilantes;  
 A incerteza, entre as penas a mais dura,  
 Se afferra, roaz cancro, a seus instantes;  
 Se ao canção a final cede a natura,  
 Entre um tropel de sonhos delirantes  
 Vagando sem cessar o pensamento,  
 Em logar do repouso acha o tormento.

Tal era o miserando, infausto estado  
 De Ruy, que ao acaso caminhava,  
 Só, distante dos seus, e confiado  
 No valor, que a desdita não coarctava;  
 Não distante do muro alevantado,  
 Que a maura gente ainda povoava,  
 Na montanha, que surge graciosa,  
 Qual no deserto a oazis frondosa.

Em frente do mancebo se estendia  
 Prodiga de bellezas a natura:  
 Da primeva, robusta penedia  
 A variada, asperrima structura,  
 Que em agulhas, em picos se erigia,  
 Varios na massa, varios na figura,  
 Erectos estes, estes inclinados,  
 Selvosos uns, os outros despojados.

Ruinas da vetusta natureza,  
 Monumentos de um mundo transpassado,  
 Culminantes elevam núa a aspereza  
 Os cumes de granito descarnados;  
 Em quanto, circumdando a redondeza  
 Das fraldas, se divisam cumulados  
 Das destruidas rochas os fragmentos  
 Attestando o poder dos elementos.

Alli a aerea marcha pressurosa

Pára a nevoa do vento saccudida,  
 Alli pára a procella magestosa  
 Nas enroladas nuvens envolvida,  
 A lymfa alimentando, que abundosa  
 Dos penhascos nas veias repartida  
 Surde em cascatas, em limpidas fontes,  
 Em arroios gentis desce dos montes.

Lá se veem de granito á massa ingente  
 Do chão calcareo as zonas encostadas,  
 Áquem e álem partidas variamente,  
 Jazer rotas, confusas, deslocadas;  
 Quaes se de interno esforço e de repente  
 Nos fundos alicerces abalados  
 Como involucro fragil rebentassem,  
 E ao novo serro o dia franqueassem.

Mais abaixo porem ledto se estende  
 O selvatico manto de verdura,  
 Onde o bafo do estio nunca offende  
 A flôr mimosa, amante da frescura,  
 Onde da hervosa penha se desprende  
 Com murmurio suave a fonte pura,  
 E a mil viçosas plantas succos dando  
 Saudosa corre entre ellas serpejando.

No valle agreste e umbroso o medronheiro  
 O rubicundo fructo tem pendente  
 Á sombra do robusto castanheiro,  
 Cuja folha intercepta o sol ardente;  
 O carvalho frondoso, o alto olmeiro  
 Cinge a hera lustrosa estreitamente;  
 Do pinheiro co'as copas elevadas  
 As massas de verdura são coroadas.

Na solidão do bosque as tenras aves,  
 Incolas primitivas da floresta,  
 Chamam a vida co'as canções suaves  
 Musica natural que amor empresta;  
 Respondem-lhe de longe os tons mais graves,  
 Merencoria harmonia lenta e mesta  
 Das ondas, que escumando entre os penedos  
 Batem da roca os asperos rochedos.

De Alboracim as aguas misturando  
 Do salso mar co'as vagas amargosas,  
 De um lado corre o Téjo, saudando  
 Por derradeiro as praias arenosas;  
 Vão-se do outro os olhos alongando  
 Pelas tumidas ondas procellosas,  
 Que com o tempo sulcarão triumfantes  
 Saudando o patrio sólo as náos ovantes.

Ainda então sobre a penha virente  
 Orientaes trophéos não consagrára  
 De Diu o vencedor, nem o eminente  
 Excelso pico a torre rematára;  
 Inda a pedra lavrada artistamente  
 O Alcacer real não levantára;  
 Nem a limfa liberta conhecêra  
 A marmorea bacia, que a prendêra;

Inda a riqueza então não erigira  
 Do prazer a morada caprixosa,  
 Nem o muro importuno prohibira  
 O transito na selva magestosa;  
 Inda o tronco indignado não sentira  
 Do ferro a cortadura injuriosa,  
 Nem do cordão tyranno a fantasia  
 Immolàra a belleza á symetria.

Tal era o quadro que ante o olho amante  
 Do misero Ruy se desdobrava:  
 Parou, e parecia que um instante  
 A amarga dôr no peito se adoçava.  
 Menos pezado e triste no semblante  
 Os olhos pelos cumes alongava;  
 Mas foi curta a impressão, curta a surpresa,  
 Prompto volveu á habitual tristeza.

Qual um instante só brilha o luzeiro  
 Do claro sol no meio da procella;  
 Tal da alegria um raio do guerreiro  
 Um momento sómente o vulto assella.  
 Entranha-se na selva, que primeira  
 No seu transito está frondosa, e bella,  
 Segue da agua o arroio fugitivo  
 Co'a frente baixa, o rosto pensativo.

Assim caminha, quando o pensamento  
 Sente por modo estranho perturbado.  
 Não, não é illusão, um doce accento  
 Sôa no bosque, terno, e magoado,  
 Em vez do som facticio de instrumento  
 Do murmurio do arroio acompanhado,  
 Merencoria harmonia, canto lindo  
 Qual o da rôla seu amor carpindo.

«Oh doce voz! oh canto mavioso!  
 «Ah! que se ella vivêra, assim cantára,  
 «Assim o nosso amor puro, extremoso,  
 «Solitaria, e saudosa lamentára!  
 «Mas, oh noute cruel, fado horroroso!  
 «Nas aguas para sempre a bella, a cara!...  
 Mais não disse, que os olhos se alagaram

E os soluços as vozes lhe cortaram.

### A VOZ.

«Bosques sombrios, profundos retiros,  
 «Aguas correntes, aves namoradas  
 «Inda uma vez escutai os suspiros,  
 «Da desditosa, entre as mais desgraçadas;  
 «Inda uma vez escutai meu tormento,  
 «Do meu penar e da minha anciedade  
 «Origem foi um puro sentimento,  
 «Morro de amor, expiro de saudade!

«Á dura morte eu por elle arrancada  
 «A gratidão um dever me inspirou,  
 «Vi-o, fallou-me, e d'esta alma encantada  
 «No mesmo instante o dominio usurpou.  
 «Verde floresta, escuta o meu tormento,  
 «Aves, ouvi minha triste anciedade,  
 «Victima sou de um puro sentimento,  
 «Morro de amor, expiro de saudade.

«Elle partiu namorado da gloria,  
 «Elle partiu sem curar do meu fado,  
 «De quem o adóra ah talvez a memoria  
 «Não haverá nem sequer conservado.  
 «Por derradeiro escutai meu tormento,  
 «Por derradeiro ouvi minha anciedade;  
 «Se elle trahiu tão puro sentimento  
 «Mate-me amor, morra eu de saudade.

«Mas se fiel, se constante e amoroso  
 «Quaes os inspira elle sente os amores,  
 «Aves, cantai, e tu, bosque viçoso,  
 «Dá novo brilho a teus gentis verdores;  
 «Mais que a alegria é feliz meu tormento,  
 «Mais que o prazer feliz minha anciedade,  
 «Que é dom do ceo por um tal sentimento  
 «Morrer de amor, expirar de saudade.

Assim cantava a voz melodiosa  
 O canto com suspiros alternando,  
 A saudosa canção, queixa amorosa  
 Iam da selva os echos imitando.  
 A dôr pungente, a angustia que affanosa  
 Iam do moço a vida definhando  
 Mais rapido dissipa o doce accento,  
 Do que a nevoa ligeira aparta o vento.

N'um instante da moura aos pés se lança  
 Ruy, subido ao auge da ventura:  
 «Vida da minha vida, amor, e esperança

«Dos dias meus, modello da ternura!  
 «Que alma ingrata poderá ter mudança  
 «Sendo de ti amada, oh Virgem pura?...  
 «Não, mil mortes soffrêra o teu amante  
 «Primeiro que esquecer-te um só instante.

Dize-lo; as mãos da Virgem commovida  
 Apertar contra os labios abrazados  
 O mesmo é p'ra Ruy, que a queixa ouvida  
 Completa os seus desejos extremados.  
 «Certo do teu amor, Virgem querida,  
 «Quem de Ruy pôde igualar os fados?...  
 «Todo o cruel tormento que hei soffrido  
 «Um só accento teu fez esquecido!....

«Sorte propicia, acaso venturoso,  
 «Que o ser me restitue para a ventura,  
 «Que prodigio feliz do ceo piedoso,  
 «Que força superior á da natura,  
 «O pôde produzir?... Desde o horroroso  
 «Momento em que surgiu por desventura  
 «Esse fantasma horrivel, despiedado  
 «Contra mim acintoso, e conjurado:

«Dês que, do odio seu fructo execrando,  
 «Te vi ante meus olhos submergida,  
 «Em vão nas fundas aguas procurando,  
 «Louco de magoa e dôr, salvar-te a vida,  
 «Que o barbaro fantasma, oh crime infando!  
 «Com mais que humana força e desmedida  
 «De ti me arrebatou; que Anjo divino  
 «Protegeu, doce amada, o teu destino?...

«Indelevel lembrança! Instante horrivel  
 «Em que, de quanto amava separado  
 «Pelo monstro a meus rogos insensivel,  
 «Na solitaria margem fui deixado!  
 «Por toda a parte em meu furor terrivel  
 «Em vão o procurei desesperado,  
 «Riu-se o fado de mim, e até est'hora  
 «Roubou-o á minha sanha vingadora.

«Mas se elle existe acaso entre os viventes,  
 «Se um fantasma não é, parto do averno,  
 «Que a perseguir meus passos innocentes  
 «A ira suscitou do negro inferno;  
 «Por essas magoas juro tão pungentes  
 «Que hei soffrido, por meu amor eterno,  
 «Que saciando n'elle a minha furia,  
 «Heide lavar a tua, e minha injuria.

**FATIMA.**

«Ah suspende! mais não digas!  
 «Sim suspende, oh bem amado,  
 «Illudido, alucinado,  
 «Taes blasfemias não prosigas!

«Esse, que acusas de morte  
 «Só nas aguas me salvou,  
 «Só elle me confortou  
 «Na tyranna, adversa sorte.

«Se ainda conservo a vida,  
 «Se inda me estás contemplando,  
 «Ao Ancião venerando  
 «Minha existencia é devida.

## **RUY.**

«Como?... Aquelle que arrancar-te  
 «Ousou a meu peito amante,  
 «Que em magoa e dôr incessante  
 «Me fez continuo chorar-te,

«Da tua lei o inimigo,  
 «Da tua raça execrado,  
 «Pôde aliviar teu fado,  
 «Protector para comtigo!....

## **FATIMA.**

«Prodigios o ceo clemente,  
 «Que meus olhos desvendou,  
 «Por esse mesmo operou,  
 «Que blasfemas imprudente!

«Desde o momento horroroso,  
 «Em que de ti separada,  
 «De quanto amava affastada  
 «Fui no caso lastimoso.

«A taça da desventura  
 «Misera esgotar devia,  
 «Trazendo-me cada dia  
 «Nova dôr, nova amargura.

«Mal de Cintra o alto muro  
 «Me recebeu malfadada,  
 «Foi minha alma transpassada  
 «Dos golpes pelo mais duro.

«Soube que o Padre querido  
 «Tão digno do meu amor,  
 «Ao despeito, á magoa, á dôr  
 «Tinha infeliz succumbido.

«Inda bem me não feria  
 «Este golpe acerbo, amaro,  
 «Que do meu unico amparo  
 «Se apagára a luz do dia;

«De Hauzeri o irmão restante  
 «Que affavel me agazalhára,  
 «Que por filha me adoptára  
 «Viu chegado o ultimo instante.

«Solitaria, abandonada,  
 «Sem amigos, sem parentes,  
 «De amor nas chamma ardentes  
 «Por mór tormento abrazada,

«Ignorando se vivia  
 «O só ser que ainda amava,  
 «Se o jurado amor guardava,  
 «Se em outras chamma ardia,

«Succumbi, em vão luctando  
 «Contra tanta desventura,  
 «E aos golpes da sorte dura  
 «Senti a força expirando:

«Nem já o pranto, allivio aos desgraçados,  
 «Os olhos meus vertiam,  
 «Nem já ais, nem suspiros, que exhalados  
 «As penas alliviam,  
 «Soltar podia. Opressos, suffocados  
 «Minha alma consumiam  
 «Em silencio os tormentos, morta a esperança  
 «De poder minha sorte ter mudança.

«Uma noute em que só de horror cercada  
 «Ao pezo de meus males succumbia  
 «De pura luz me vejo rodeada  
 «Igual á que no ceo precede o día.  
 «De espanto e de terror sobresaltada,  
 «Quando convulso o corpo meu tremia,  
 «No centro do clarão o proprio vejo  
 «Que ás aguas me arrancára lá no Têjo.

«Era o mesmo; porém mais magestoso  
 «Ora de mim se vinha aproximando;  
 «Qual um astro celeste e radioso  
 «Brilhava o seu semblante venerando,  
 «Um aroma suave e precioso  
 «Estavam suas vestes exhalando,  
 «Na mão tinha uma Cruz resplandecente  
 «Co'a imagem do seu Deus n'ella pendente.

«Co'a voz a um tempo grave, meiga, e branda,  
 «Com aspecto sereno, e enternecido,  
 «Disse: Victima triste e miseranda  
 «Até agora de um fado endurecido,  
 «Um Deus Clemente, oh filha, a ti me manda;  
 «Um Deus, a quem um ai, um só gemido  
 «De verdadeira dôr, de penitencia  
 «Move com os peccadores á clemencia.

«Surge da magoa horrivel que te oprime,  
 «Cobra força, renasça o teu alento,  
 «Pela esperança do dom alto e sublime

«Com que o ceo quer sarar teu soffrimento.  
 «Fructo innocente de expiado crime  
 «Serás da pena qual da culpa isento,  
 «Em ti meu sangue não será contado  
 «Entre aquelle, que o ceo tem rejeitado!

«Uma filha, ai de mim! eu tive outr'ora,  
 «Como tu a formára a natureza;  
 «Tinha ella então, como tu tens agora,  
 «Esse dote funesto da belleza.  
 «Uma chamma tyranna, abrazadora  
 «Illudiu da sua alma a singelleza,  
 «Ligou-a o nó de amor, e da desgraça  
 «Ao inimigo audaz da propria raça.

«Aos braços de Hauzeri, de amor levada,  
 «Funesto effeito das paixões ardentes,  
 «Cuidando ser feliz, foi desgraçada  
 «Victima das angustias mais pungentes.  
 «O Deus, o Pai, a Patria abandonada  
 «Á misera continuo são presentes,  
 «O roedor remorso, a magoa dura  
 «Lhe foram escavando a sepultura.

«Chegado da infeliz o ultimo instante,  
 «Odios, malquerenças, queixas expiraram,  
 «Paterno pranto, com o do esposa amante  
 «Da morte o leito unidos lhe regaram.  
 «Resignados os olhos seus brilhantes  
 «Pela ultima vez aos ceos se alçaram,  
 «Um suspiro exhalou, cuja piedade  
 «As iras aplacou da Divindade.

«Fructo infeliz de amor, e de fraqueza  
 «Junto à Mãi expirante tu jazias,  
 «Por ti fallava ainda a natureza,  
 «Tu só na terra a alma lhe prendias.  
 «Tomou-te entre seus braços com viveza,  
 «Tu que a trama cortáras de seus dias,  
 «E com a voz, cortada já da morte,  
 «Assim fallou ao Padre e ao Consorte.

«Padre, se ingrata filha, angustia e dores,  
 «Por premio a teu amor só sube dar-te  
 «Neste fructo infeliz de meus ardores  
 «Possas ter quem se empenhe em consolar-te,  
 «E tu, por quem soffri tormento e dores  
 «Sem uma hora se quer cessar de amar-te,  
 «Consente que ella entregue ao pai que imploro  
 «Possa rogar por mim ao Deus que adoro.

«Assim fallou a triste, e resignada

«O golpe recebeu da dura morte,  
 «Partiu do erro a alma já purgada  
 «A repartir nos ecos do justo a sorte.  
 «Mas de Hauzeri em vão a prenda amada  
 «Reclamei, em memoria da Consorte;  
 «Arrancar-lha não pude, e separado  
 «Fui desde então p'ra sempre do teu fado.

«Supplicas, pranto, rogos, ameaças  
 «Para salvar-te estereis empregando,  
 «Fui no ermo chorar minhas desgraças  
 «Aos ceos dos ceos a causa confiando,  
 «Continuo sobre ti de Deus as graças  
 «Com penitentes lagrymas chamando.  
 «Até que a Deus tocou minha agonia,  
 «Deus que benigno a salvação te envia.

«Em quanto fallava  
 «A cruz me estendia;  
 «E a dôr que a pungia  
 «Na alma abrandava;  
 «Do Deos que invocava  
 «Tocar-me sentia,  
 «Já menos soffria  
 «Já mais me animava,  
 «E quando acordava  
 «E a mim me volvia  
 «Achava-me o dia  
 «Outra do que estava,

«Livre da interna lucta, e na bonança  
 «Começando a antever a luz da esperança.

«A celeste vizão reproduzida  
 «Cada noute a minha alma soccorria,  
 «Cada noute na fé santa instruida,  
 «O santo Avô mais firme me fazia.  
 «A antiga exasperação, o tédio a vida  
 «Em merencoria dôr se convertia,  
 «Dissera-me feliz, se a um sentimento  
 «Conseguisse esquivar meu pensamento.

Assim Fatima ao transportado amante  
 O terno coração patenteava;  
 Ruy de puro goso delirante  
 No gesto a paixão viva retratava;  
 Vivo rubor da Virgem no semblante  
 Da alma os sentimentos debuchava;  
 A selva, as aves, o arroio, as flôres  
 Formando um templo digno a taes amores.

**FIM DO QUINTO CANTO.**

**CANTO SEXTO.**

Tal está morta e pallida Donzella,  
 Seccas do rosto as rosas, e perdida  
 A branca e viva côr co'a doce vida.  
 Camões, Lus., C. 3.º, E. 134.<sup>a</sup>

Soberbo ondeia a crina fluctuante  
 De Ruy o ginete bellicoso,  
 Atravez da floresta segue ovante  
 No acelerado trote pressuroso.  
 Excita o nobre bruto o ledro amante,  
 Vivo obedece o animal fogoso  
 Á redea, ha tanto tempo abandonada,  
 Que outra vez com vigor sente empunhada.

Seguindo vai o nobre aventureiro  
 Transportado de goso e de alegria  
 A direcção do campo, que o guerreiro  
 Povo de Christo alevantado havia.  
 Doce aspecto, risonho e lisongeiro,  
 Em vez da dôr, lhe exalta a fantezia,  
 Todo quanto carpira, quanto amára  
 A fortuna propicia lhe entregára.

Do ginete nas ancas assentada  
 Levar se deixa de Hauzeri a filha,  
 Entregue a amor, e por amor guiada,  
 Suave esperança nos seus olhos brilha.  
 O rosto lindo, a fórmula delicada  
 Da natura primor, e maravilha,  
 A pár do Cavalleiro armado e forte,  
 Realisam Cyprina com Mavorte.

Sob o braço da Bella, que o estreita,  
 O coração do moço arde e palpita,  
 Elle o sente, ella o palpa, e satisfeita  
 Partilha o goso, que innocente excita.  
 Se ella suspira, elle o suspiro aceita,  
 Se olha-la intenta, ella o olhar lhe evita,  
 Pejando-se que lêa o terno amante  
 Nimia expressão de amor em seu semblante.

Assim o bosque frondoso  
 Vão prestes atravessando,  
 Um silencio deleitoso  
 Bella, e amante guardando.

Silencio, que amor prefere  
 Á mais ardente expressão,  
 Que no fundo da alma fere,  
 Que transpassa o coração;

Que identifica, que enlaça  
 Os que a mesma idéa prende,  
 Que a compaixão, que a desgraça,  
 Que amor, que a ternura entende.

Silencio não avalia  
Alma mesquinha, apoucada,  
Que sempre placida e fria  
Do sacro fogo é privada.

Em silencio a natureza  
Vê rolar no immenso espaço  
Dos orbes a redondeza  
Que impelliu do Eterno o braço,

Em silencio a vaga ondosa  
Rola no lago profundo,  
Séria a noute magestosa  
Envolve em silencio o mundo.

Em silencio o vate absorto  
Antes de pulsar a lira  
Recebe o influxo e conforto  
Do talento que o inspira.

Em silencio meditando  
Alcança o sabio a verdade,  
Vai-se um silencio mirrando  
O filho da adversidade.

Silencio da alma nascido,  
Character do sentimento,  
Tu es o grau mais subido  
Ou do goso, ou do tormento.

Atraz deixam o bosque, e as claras fontes.  
Que atravez a verdura vem manando,  
Co'a varia crista dos erguidos montes,  
Que se está sobre as nuvens desenhando,  
Tingem-se de côr varia os horisontes  
Co'extremo sol nas aguas mergulhando,  
Os monotonos cumes apparecem  
Que com o calmoso estio se enalvecem.

Ficava-lhes da parte, donde o dia  
Mais refulgente vibra os esplendores,  
A Arrabida, entre as nevoas, que tingia  
O sol cadente de purpureas côres,  
Com o ramo descendente, que estendia  
Pelos equoreos campos bolidores,  
Do Téjo e Sado as fozes separando  
Com o Cabo do Espichel que vai formando.

Não longe, e como filho da montanha,  
Ficava de Palmella o cume erguido,  
Ao longe dominando na campanha,  
Ao perto sobre o valle, enriquecido  
Pela filha gentil de terra estranha,  
Que ora alli sobre o ramo seu florido  
Ostenta a um tempo a flôr, e os pomos de ouro,  
De perfume e frescura almo thesouro.

Jazem-lhe á dextra as aridas campinas  
 Onde com o vento a loura messe ondeia,  
 Calcareas e basalticas collinas  
 Onde a arvore a vista não recreia,  
 Mais longe as em que a limfa cristalina  
 Hoje em prisão marmorea se encadeia,  
 Roubada aos campos, á verdura, ás flores,  
 P'ra alegrar de Lisboa os moradores.

Em frente se lhe antolha o pico altivo  
 Co'as naturaes collumnas enfeixadas,  
 Columnas que formára o fogo activo  
 Nas epochas remotas e apartadas,  
 Em que inda o touro, o cervo fugitivo  
 Não pasciam nos campos co'as manadas;  
 Mas só nadantes monstros habitavam  
 Mares, que até aos serros se elevavam.

Logo as nuvens rompia mais distante  
 De Monte-junto a molle alevantada,  
 Monte-junto, que a lombra culminante  
 Une a Minde ao nordeste prolongada;  
 As aguas dividindo, que ao levante  
 Vem buscar a planicie, que regada  
 É pelo Téjo, das que ao mar salgado  
 Directas vão correr no opposto lado.

Do sol quasi submerso os derradeiros  
 Raios as eminencias só douravam,  
 Das fontes e dos valles os ligeiros  
 Vapores os contornos desenhavam;  
 Sobre as nevoas os cumes dos outeiros  
 Quaes ilhas sobre o mar se alevantavam,  
 E as aves com a ultima harmonia  
 Davam o extremo adeos ao claro dia.

Na belleza da scena que os rodeia  
 Fatima nem Ruy não attentavam,  
 Amor as faculdades lhe encadeia,  
 Ao delirio de amor se abandonavam.  
 Qual forte olmeiro a branda vide enleia,  
 Tal a bella e mancebo se estreitavam;  
 É elle o seu apoio, o seu sustento,  
 É ella de Ruy só pensamento.

Continúa o silencio dos amantes  
 Nos vivos sentimentos engolfados,  
 Nada sôa nos valles circumstantes  
 Mais que do bruto os passos compassados;  
 Só lá dos valles nos cazaes distantes  
 Ladrar se ouvem os cães, sôar dos gados  
 Monotonos chocalhos tangedores,

Com o debil som das gaitas dos pastores.

De um fraco ribeiro,  
 Que a calma escaceia,  
 Que na fralda ondeia  
 Do arido outeiro,  
 Cortava o carreiro  
 O leito escabroso:  
 O solo ondoloso  
 Alli se abatia,  
 E a senda descia  
 Ao vão pedragoso.

Ao pé da torrente,  
 Gosando a frescura,  
 De um chôpo a verdura  
 Ornava a corrente;  
 Da lua nascente  
 A luz estorvando,  
 A sombra alongando  
 Na estreita passagem,  
 Co'a verde folhagem  
 A senda toldando.

O corcel, que excita  
 O bellico amante,  
 Na marcha prestante  
 Um momento hesita;  
 Logo a orelha fita  
 E o trote accelera,  
 Ruy, que o modéra,  
 O fogo percebe  
 Que o bruto concebe  
 Na batalha féra.

Com o braço valente  
 A lança endereça,  
 Preme o bruto, e á préssa  
 Transpõe a corrente.  
 «Cinge estreitamente,  
 «Bella, o teu consorte,  
 «Que seu braço forte,  
 «Por ti animado,  
 «Do mais esforçado  
 «Desafia o córte.»

Fatima obedece,  
 Seu seio palpita...  
 N'isto uma voz grita  
 A Bella estremece;  
 No grito conhece  
 A aravia expressão,  
 Que no coração  
 O sangue lhe esfria.  
 Fugir quereria;  
 Mas tenta-lo é vão.

Quem vem lá?... Com voz alta e sonora  
 Na arabia lingua um mouro perguntava,  
 Brandindo a ferrea lança temerosa  
 O corcel co'as espóras despertava;  
 Com haste igual de sangue sequiosa

Outro mouro apoz elle se mostrava:  
 Ruy, que os vê, e em seu valor confia;  
 «Christo e ElRei Affonso:» respondia.

Diz. O ginete arremeça,  
 Salta o bruto ardente e forte,  
 Co'a lançada vôa a morte  
 Do mouro a cotta atravessa.  
 Espadana o sangue infido,  
 De um só golpe a alma vôa,  
 Cahe o mouro, e com o ruido  
 Das armas o valle atrôa.

Torce a redea o Cavalleiro  
 Contra o segundo inimigo;  
 Mas menos forte o guerreiro  
 Encarar não ousa o perigo:

Do ginete á ligeireza  
 Da vida confia o preço,  
 Parte, vôa, e com destreza  
 Vibra a lança de arremeço.

Parte a hastea sibilando,  
 O fado dirige o tiro,  
 Cahe Fatima, e ao golpe infando  
 Responde um longo suspiro.

Ella cahe, ella suspira,  
 No seu seio palpitante  
 Um covarde ferro aspira  
 O sangue da doce amante.

Ruy no peito a sustenta  
 Mudo, louco, exasperado,  
 Nelle o olhar Fatima attenta  
 Quasi da morte apagado.

Fitta nelle os olhos lindos  
 Onde amor lucta co'a morte:  
 «Os meus dias estão findos,  
 «Adeus suave consorte!

«Amei-te mais do que a vida  
 «Desde esse primeiro instante  
 «Em que a ti fui submettida  
 «Por teu braço triunfante;

«Nem a crença, que então tinha,  
 «Nem a ausencia, nem meu fado,  
 «D'esse amor, essencia minha,  
 «Haveriam triumphado.

«Nenhum poder sobre a terra  
 «De Ruy me apartaria,  
 «Na ausencia, na paz, na guerra  
 «Fatima tua seria!.....

«Mas Deus não quiz que embebido  
 «Em doce paixão terrena,  
 «O premio de um escolhido  
 «Fosse corôa tão pequena:

«Não quiz esse Deus clemente  
 «Que a dita nos deslumbrasse,  
 «Que o nosso amor innocente  
 «Sobre a terra se gozasse.

«Nasci de um crime, e no crime  
 «Involuntario educada,  
 «Esse Deus, sua Lei sublime,  
 «Foi por mim aos pés calcada:

«Tarde conheci seu nome,  
 «E quando a Elle voltei  
 «Um peito, que amor consome,  
 «Imperfeito lhe votei.

«Do sangue meu a abundancia  
 «Possa expiar, oh Senhor,  
 «Os erros da minha infancia,  
 «O excesso do meu amor!

«Eu vejo a mãe, que me estende  
 «Desde o ceo amantes braços,  
 «Ella a alma me desprende  
 «Dos terrenos embaraços.

«Eu vôo, oh esposo, eu vôo  
 «Ao seio da Divindade  
 «Jà seu hymno eterno então  
 «Nos umbraes da Eternidade.

«Só d'alli, oh doce amante,  
 «P'ra sempre a dôr se desterra;  
 «Lá te aguardo, que um instante  
 «Vive o homem sobre a terra!

«Mas ah, se a vida me déste  
 «Quando á morte me arrancaste,  
 «Deva-te a vida celeste  
 «Aquella que tanto amaste.

«Derrama, á pressa, derrama  
 «Nesta fronte a agua da vida  
 «Que a seu seio Deus me chama,  
 «Em breve por ti seguida.»

Disse. Uma força invencivel  
 Deus infunde ao moço ardente.  
 Desce, e no elmo terrivel  
 Toma a agua da corrente.

Chega. Derrama-a na frente  
 Da Virgem agonisante.  
 Ella a sente, e ternamente  
 Une ao peito a mão do amante.

Apertou-a contra o seio,  
 A elle os olhos voltou,  
 Um suspiro aos labios veio  
 Exhalou-o, e expirou.

Dizem que junto ao ribeiro  
 Doces cantos se escutaram,  
 Que na noute almo luzeiro  
 Os pastores contemplaram.

Na seguinte madrugada.  
Vindo ao sitio os guardadores,  
Viram a terra escavada  
Coberta de frescas flôres.

Sobre ellas um vulto annoso  
Candidas roupas trajando,  
N'um vôo ao ceo pressuroso  
Alva pomba contemplando.

Dizem mais: que os que souberam  
O caso digno de chôro,  
Áquella torrente deram  
O nome de Rio Mourro.

Que Ruy na sepultura  
Longo tempo suspirára,  
Deposta a nobre armadura,  
Que do martyr Pai herdára;

Que alfim do pranto exauridos  
Os olhos seus se seccaram,  
E seus ais, e seus gemidos  
Para o Senhor se voltaram.

Que do ceo a queixa ouvida,  
Com balsamo de alta espr'ança  
Lhe sarou Deos a ferida,  
Lhe mandou da alma a bonança.

De Cintra no ermo escabroso  
No serro o mais retirado,  
Além do monte viçoso  
Monserrate ora chamado,

Dois penhascos se elevavam  
Que immensa louza cobria,  
E uma caverna formavam  
Que ao ponente a porta abria;

Alli, dos homens remoto,  
Dos seus proprios ignorado,  
Ruy sob um nome ignoto  
Terminou mistico fado.

Alli do nascer da aurora  
Té ao ultimo fulgor  
Entoava em voz sonora  
Os hymnos ao Creador.

Das plantas da penedia,  
Dos fructos do agreste monte,  
Sua comida fazia,  
Bebida lhe dava a fonte.

Assim consumiu seus annos  
Á solidão consagrados,  
Té que, cumpridos seus fados,  
Poz Deus um termo a seus damnos.  
Partiu-se de entre os humanos  
Sua alma candida e pura,  
Os anjos a sepultura  
Entre as penhas esconderam,

E as memorias se perderam  
Da sua triste aventura.

Longo tempo abandonada  
Jazeu a selvagem gruta,  
Do lobo, e raposa astuta  
Foi longo tempo habitada.  
Té que a prole sublimada  
Do ultimo lume do Oriente  
Um asylo penitente  
No serro agreste erigiu,  
E de novo alli se ouviu  
O louvor do Omnipotente.

Os annos correram,  
Que tudo mudando  
Volvem derribando  
O mesmo que ergueram;

Da suave amante  
Perdeu-se a memoria,  
Esqueceu-se a gloria  
Do Joven brilhante.

No castello antigo  
Berço a seus amores  
Môchos piadores  
Só tem seu abrigo;

Selvagem verdura  
C'o a hera lustrosa  
Da muralha annosa  
Cobrem a structura:

De um lado inda a selva  
Se mostra virente,  
Matiza inda a relva  
Do Lena a corrente,

Inda o musgo brando.  
Vestindo os penedos,  
S'ta nos arvoredos  
Amor convidando;

Mas já não lastima  
O echo das fragoas  
Da triste Fatima  
As pena, e as magoas.

Do Téjo na borda  
Ind'hoje aos salgueiros  
O batel co'a corda  
Prendem os remeiros,

A humida esteira  
Tranquillos sulcando,  
Vem inda remando  
De noute as bateiras,

Mas da Moura linda,  
Do Guerreiro amante,  
No bronco habitante  
A memoria é finda.

De Cintra a viçosa  
 As frescas torrentes  
 Vem inda fluentes  
 Á selva frondosa,

Das aves ainda  
 Na matta sombria  
 A doce harmonia  
 Com o dia não finda,

Sua doce frescura,  
 Suas límpidas fontes,  
 Seus farpados montes  
 De altiva structura,  
 Sua luz clara e pura,  
 Seu ceo azulado,  
 Seu mar empolado,  
 Que o tempo venceram,  
 Memoria perderam  
 Do Pár desgraçado.

Tu só, tu, fantasia inseparavel  
 Das margens do meu Téjo, e seus verdores,  
 Tu, ceo da patria, ceo incomparavel,  
 Que n'alma, qual no campo, espalhas flôres:  
 Só tu resuscitaste o lamentavel  
 Destino de tão firmes amadores;  
 Só tu, do tempo alevantando o manto,  
 Sobre as campas de amor chamaste o pranto.

### **FIM DO CANTO SEXTO E ULTIMO.**

End of the Project Gutenberg EBook of Ruy o escudeiro: Conto, by Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

- END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK RUY O ESCUDEIRO: CONTO \*\*\*
  - ◆ This file should be named 21786-8.txt or 21786-8.zip \*\*\*\*\* This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.org/2/1/7/8/21786/>

Produced by Pedro Saborano. Para comentários à transcrição  
 visite <http://pt.scriba.blogspot.com/> (This book was  
 produced from scanned images of public domain material  
 from Google Book Search)

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the

trademark license, especially commercial redistribution.

- START: FULL LICENSE \*\*\*

**THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK**

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any

work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from
  - the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full

Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. **YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.**

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state

applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

## Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

## Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email [business@pglaf.org](mailto:business@pglaf.org). Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby  
Chief Executive and Director  
[gnewby@pglaf.org](mailto:gnewby@pglaf.org)

## Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.

from <http://manybooks.net/>

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)